



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**

**CAMPUS SOBRAL**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA E POLÍTICAS PÚBLICAS**

**MESTRADO PROFISSIONAL EM PSICOLOGIA E POLÍTICAS PÚBLICAS**

**VÁLLERY RODRIGUES DA COSTA**

**OBRAS LITERÁRIAS COMO RECURSO INTERVENTIVO:  
A LITERATURA COMO FERRAMENTA DE PREVENÇÃO AO SUICÍDIO.**

**SOBRAL**

**2025**

VÁLLERY RODRIGUES DA COSTA

OBRAS LITERÁRIAS COMO RECURSO INTERVENTIVO:  
A LITERATURA COMO FERRAMENTA DE PREVENÇÃO AO SUICÍDIO.

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Psicologia e Políticas Públicas da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre. Área de concentração: Educação e Políticas Públicas.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rita Helena Sousa Ferreira Gomes.

SOBRAL

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas  
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

C8760 Costa, Vállery Rodrigues da.

Obras literárias como recurso intervencivo : a literatura como ferramenta de prevenção ao suicídio /  
Vállery Rodrigues da Costa. – 2025.  
62 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Campus de Sobral, Programa de Pós-Graduação  
Profissional em Psicologia e Políticas Públicas, Sobral, 2025.  
Orientação: Profa. Dra. Rita Helena Sousa Ferreira Gomes.

1. Suicídio. 2. Adolescência. 3. Literatura. 4. Escola. I. Título.

CDD 302.5

---

VÁLLERY RODRIGUES DA COSTA

**OBRAS LITERÁRIAS COMO RECURSO INTERVENTIVO:  
A LITERATURA COMO FERRAMENTA DE PREVENÇÃO AO SUICÍDIO.**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Psicologia e Políticas Públicas da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre. Área de concentração: Educação e Políticas Públicas.

Aprovada em 06/05/2025.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rita Helena Sousa Ferreira Gomes (Orientadora)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Rodrigo da Silva Maia

Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Márcio Arthoni Souto da Rocha

Universidade Federal do Ceará (UFC)

## SUMÁRIO

<b>1. APRESENTAÇÃO</b>	<b>05</b>
<b>2. ARTIGO 1: OBRAS LITERÁRIAS COMO RECURSO INTERVENTIVO NAS ESCOLAS: A LITERATURA COMO FERRAMENTA DE PREVENÇÃO AO SUICÍDIO DE ADOLESCENTES.</b>	
<b>2.1. Resumo</b>	<b>06</b>
<b>2.2. Abstract</b>	<b>07</b>
<b>2.3. Introdução</b>	<b>08</b>
<b>2.4. Metodologia</b>	<b>12</b>
<b>2.5. Análise de dados</b>	<b>17</b>
<b>2.6. Resultados</b>	<b>22</b>
<b>2.7. Considerações Finais</b>	<b>26</b>
<b>2.8. Referências Bibliográficas</b>	<b>30</b>
<b>2.9. Anexo A: Trechos da Obra <i>Os 13 Porquês</i>, Jay Asher</b>	<b>32</b>
<b>2.10. Anexo B: Trechos da Obra <i>As Mil Partes Do Meu Coração</i>, Colleen Hoover</b>	<b>36</b>
<b>3. ARTIGO 2: COMPORTAMENTO SUICIDA NA ESCOLA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM CURSO DE PREVENÇÃO E INTERVENÇÃO.</b>	
<b>3.1. Resumo</b>	<b>39</b>
<b>3.2. Abstract</b>	<b>39</b>
<b>3.3. Introdução</b>	<b>40</b>
<b>3.4. Metodologia</b>	<b>42</b>
<b>3.5. Resultados e Discussão</b>	<b>45</b>
<b>3.6. Considerações Finais</b>	<b>47</b>
<b>3.7. Referências Bibliográficas</b>	<b>49</b>
<b>4. CARTILHA: PREVENÇÃO AO SUICÍDIO: A LITERATURA COMO RECURSO INTERVENTIVO</b>	<b>50</b>

## APRESENTAÇÃO

O presente arquivo contém os produtos resultados de pesquisa realizada sob orientação para o Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Políticas Públicas. Constam dois artigos, em que o primeiro diz respeito aos resultados da pesquisa com adolescentes em idade escolar, e o segundo é um relato de experiência sobre um curso para profissionais da educação, visando a intervenção e a prevenção do suicídio em adolescentes. O curso foi desdobramento da pesquisa, bem como a Cartilha, que também é compartilhada neste material.

# OBRAS LITERÁRIAS COMO RECURSO INTERVENTIVO NAS ESCOLAS: A LITERATURA COMO FERRAMENTA DE PREVENÇÃO AO SUICÍDIO DE ADOLESCENTES.

## RESUMO

A presente pesquisa explorou a potencialidade de obras literárias como recurso intervencivo para dinamizar discussões sobre o tema suicídio. Considerando que o suicídio é um problema que transita na sociedade e afeta os adolescentes, o trabalho realizado foi exclusivamente com esse público, com a criação de espaços de diálogo e esclarecimentos sobre a temática. A ferramenta utilizada nesses espaços para disparar a discussão foi a literatura, com obras que abordam comportamento suicida, evocando efeitos de sentido nos participantes e acolhendo as demandas que surgiram. A pesquisa aconteceu em uma escola de tempo integral, especialista em ensino fundamental II, com os jovens alunos da instituição. A investigação de caráter qualitativo teve por inspiração a etnografia, sendo uma pesquisa-intervenção. Os dados foram coletados por meio de rodas de conversa semanais com os alunos, com a produção de mapas mentais pelos mesmos, e a produção de diários de campo pela pesquisadora. A análise dos dados seguiu a Análise Temática e considerando o objetivo de investigar como obras literárias podem servir de ferramenta para abordar responsavelmente a temática do suicídio entre jovens escolares, pôde-se concluir que a literatura é ferramenta eficaz na sensibilização dos indivíduos, indicando possível prevenção, contanto que haja tempo para aprofundar as discussões e fortalecer os vínculos de confiança que essa demanda exige, bem como profissionais aptos para acolher e lidar com as demandas que surgirem.

**Palavras-chave:** Suicídio; Literatura; Escola; Adolescência.

## ABSTRACT

This research explored the potential of literary works as an intervention resource to stimulate discussions on the topic of suicide. Considering that suicide is a problem that permeates society and affects adolescents, the work carried out exclusively with this audience, with the creation of spaces for dialogue and clarification on the topic. The tool used in these spaces to trigger discussion was literature, with works that address suicidal behavior, evoking effects of meaning in the participants and welcoming the demands that arose. The research took place in a full-time school, specializing in elementary school II, with the young students of the institution. The qualitative investigation was inspired by ethnography, being an intervention research. The data were collected through weekly discussion groups with the students, with the production of mental maps by them, and the production of field diaries by the researcher. Data analysis followed the Thematic Analysis and considering the objective of investigating how literary works can serve as a tool to responsibly address the issue of suicide among young students, it was possible to conclude that literature is an effective tool in raising awareness among individuals, indicating possible prevention, as long as there is time to deepen discussions and strengthen the bonds of trust that this demand requires, as well as professionals capable of welcoming and dealing with the demands that arise.

**Keywords:** Suicide; Literature; School; Adolescence.

## INTRODUÇÃO

As políticas públicas se constituem como um conjunto de ações e práticas que pretendem operacionalizar o acesso à saúde, à educação, à segurança e à assistência social. Essa operacionalização não segue um manual técnico, sendo as práticas das políticas públicas adaptadas ao contexto em que estão envolvidas. Considerando a atuação da psicologia em temas como violências, vulnerabilidades, sócio educação e tantos mais, pode-se perceber a potencial colaboração da psicologia no campo das políticas públicas. Isso se evidencia ainda mais quando se comprehende que a cada interação dos sujeitos, novas demandas são postas, e cada estratégia criada não vai interferir apenas no espaço, mas nos processos de subjetivação dos indivíduos que habitam esses ambientes, de modo que o indivíduo interfere, assim como sofre interferência dos locais em que se situa (Guareschi, 2014).

Após tal contextualização, apresento o uso da escola como espaço que serviu de palco para processos interventivos no que diz respeito à forma como se pensa e se assimila a temática do suicídio. A escola como política pública visa atender às necessidades da população, e considerando que os jovens estudantes estão dentro da faixa etária dos índices de morte por suicídio, a escola se mostra como um espaço onde é possível ter acesso a esses jovens e desenvolver ações, que porventura modifiquem a realidade, dentro dessa política.

O suicídio, foi considerado como um problema de saúde pública pela portaria nº 2.542, de 22 de dezembro de 2005, que o considera como um problema que afeta toda a sociedade e que pode ser prevenido, e ainda observa aumento na freqüência do comportamento suicida entre jovens entre 15 e 25 anos. O Boletim Epidemiológico sobre suicídio em adolescentes no Brasil (Brasil, Ministério da Saúde, 2022) aponta que ocorreram 6.588 mortes por suicídio, entre 2016 e 2021, de adolescentes entre 10 e 19 anos. O documento sinaliza ainda que, em uma comparação a nível global, observa-se uma tendência a diminuição do suicídio na adolescência nos diversos países, ao passo que no Brasil o indicativo é um aumento dos suicídios de adolescentes (Brasil, Ministério da Saúde, 2022).

A dificuldade em enfrentar as exigências sociais e psicológicas que aparecem na adolescência, pode explicar o elevado número de suicídios neste grupo. Nesse período, o jovem pode passar por muitas mudanças, adquirindo novas habilidades e se deparando com novos desafios, de modo que as demandas sociais, contextuais e situacionais impostas pelo ciclo da vida, passam a ser uma carga

a mais, resultando em pensamentos e comportamento suicidas (Braga & Dell'Aglio, 2013).

A presença de transtornos mentais, exposição à violência doméstica, abuso de álcool e drogas, e bullying aparecem como fatores de risco ao comportamento suicida entre os jovens, bem como o isolamento, uma rede de apoio deficitária e suicídio de familiar também se enquadram como motivações, este último configurando como motivo para a repetição de um comportamento aprendido, como sendo a única solução para resolução de problemas (Braga & Dell'Aglio, 2013).

Segundo Durkheim (2000), em seu livro intitulado *O suicídio*, o ato de suicídio constitui na ação consciente de tirar a própria vida, ou seja, há o desejo pela morte e a consciência de que uma determinada ação pode tê-la como resultado. O comportamento suicida pode ser dividido em três etapas: ideação suicida, tentativa de suicídio e suicídio consumado. Sendo a ideação caracterizada por pensamentos, ideias, planejamento e desejo de morte. A tentativa seria o ato, a execução do planejamento, contudo, sem o resultado esperado. E o suicídio consumado, se caracteriza pela concretização da ação, é a tentativa que funcionou. A ideação é um importante preditor de risco, sendo considerada o primeiro passo para o suicídio. Logo, a decisão de cometer o ato não ocorre de maneira rápida, e, geralmente, o indivíduo que chega ao suicídio consumado manifestou anteriormente alguma advertência ou sinal que indicou a ideia de atentar contra a própria vida. Da mesma forma, a literatura aponta que existe uma grande probabilidade de, após uma primeira tentativa, outras virem a surgir, até que uma possa ser fatal. Portanto, a trajetória que vai da ideação, tentativas até a concretização da morte pode oferecer tempo propício para a intervenção (Braga & Dell'Aglio, 2013).

O tema suicídio é posto sob uma ótica de pré-julgamento que o considera como um ato de covardia e egoísmo e define as pessoas que apresentam um comportamento suicida como não merecedoras de integrar a sociedade, de modo que o problema dessas pessoas não cabe nas discussões dessa mesma sociedade. O suicídio se torna obsceno.

Segundo Riguini e Ferrari (2018), uma das etimologias mais repetidas da palavra “obsceno” vem do latim *obscenus*, que já significou mau agouro ou mau presságio, e que sugere o secreto ou algo que se impõe a uma cena para obstruí-la. Já segundo Genovés (2008), o obsceno aparece como *ob-scaenam*, ou seja, aquilo que fica fora da cena, ou aquilo que não se mostra em uma peça teatral.

Considerando os sentidos da palavra obsceno expostos anteriormente, o suicídio é posto

nesse lugar como algo que não pode ser mostrado, nem falado, pois ele causa uma inquietação, um sentimento ruim. Devido à impossibilidade do sujeito lidar com as consequências de sua ação, quem lida com as consequências são os que ficaram, que não cometem o ato, e o fato de não se conseguir interpretar ou entender o motivo do sujeito ter cometido suicídio, ele é interpretado como uma cena não vista, o que leva a inúmeras suposições que resultam não em soluções, mas no aumento do enigma. Devido a isso, o suicídio é considerado um tabu, um ato impuro, é obsceno (Carlos & D'Agord, 2016).

Segundo Marquetti *et al* (2015), em sua pesquisa, apontam ainda que o tabu que cerca o suicídio impede que o que denomina “*percurso suicida*” seja percebido com a devida atenção. Esse percurso seria caracterizado por todos os sinais que o indivíduo com ideação demonstra antes de cometer o ato em si, como por exemplo:

Mudanças bruscas no comportamento relacionado aos cuidados com a higiene, distanciamento da família e amigos, perda do interesse por atividades usuais, diminuição da capacidade de concentração, uso de drogas lícitas e ilícitas, brincadeiras sobre o suicídio. (p. 30)

Segundo os autores, têm-se o conhecimento acerca desses fatores de risco, porém, quando eles se apresentam, os estigmas que cercam o tema impedem que as pessoas, enquanto sociedade, os reconheçam. Tal afirmação é fortalecida nas entrevistas que os autores conduzem, quando os indivíduos participantes tratam o suicida como um ser fora da realidade, no âmbito do anormal, imoral e distante de si. Com isso, o caráter de transgressão que o suicídio ganha, pode produzir comportamentos de esquiva em relação às situações que o envolvem, dificultando a execução de estratégias de prevenção (Marquetti *et al.*, 2015).

Dito isso, o vigente trabalho teve como propósito explorar a temática do suicídio, desconstruindo os esterótipos e estigmas que foram impostos ao tema e possibilitando o debate. O recurso interventivo utilizado foi a literatura, considerando que a literatura é uma representação artística, de acordo com Pereira (2012), a arte pode assumir um papel comunicativo quando veicula uma ideia, uma intenção, uma mensagem moral ou política. E pode ser representativa quando sua existência remete a algo que não está ali. A arte existe para produzir efeitos de sentido no criador, no crítico e no público (Pereira, 2012). A arte nos mostra (o que quer que seja) sem mostrar de fato, e através das manifestações artísticas podemos comunicar o que não é dito no contexto social padrão, usando os sentidos que a arte

evoca para fazer diferença na sociedade.

A pesquisa confirmou as afirmações anteriores, de modo que as obras literárias utilizadas contaram histórias de personagens com comportamento suicida e evocaram sentimentos e emoções que foram responsávelmente canalizadas através de discussões, debates e criações artísticas no formato de mapas mentais, aliviando a carga de censura que a questão carrega.

A opção pela literatura considerou ainda uma experiência prévia com o uso da literatura para discutir a temática do suicídio. Em 2019, na função de orientadora educacional, realizei um clube do livro com um grupo seletivo de 5 (cinco) a 8 (oito) alunas, todas entre 11 (onze) e 12 (doze) anos, onde líamos juntas livros que abordavam temáticas de *bullying* e suicídio. Nossos encontros eram diários, e duravam cerca de 30 (trinta) minutos, nos intervalos do almoço da escola de tempo integral a qual estávamos vinculadas. As alunas tinham participação ativa na escolha da obra e após ler um capítulo, realizamos as discussões acerca das impressões que estas possuíam. O grupo participou do clube quando estava no 6º (sexto) ano do ensino fundamental II, passamos pela pandemia e ao retornar presencialmente à escola, o mesmo grupo se encontrava no 9º (nono) ano. Durante o referido ano, 2022, foi perceptível o quanto o grupo participante do clube se mostrava confortável em discutir sentimentos e sensações, bem como em expor suas vulnerabilidades, e buscar ajuda para si e para os colegas quando identificavam a necessidade. Além do inquestionável hábito de leitura que a maioria adquiriu.

Vale ressaltar que a escola em que o clube do livro aconteceu, e que também foi campo da pesquisa aqui relatada, conta com o Programa Eu Posso Te Ouvir (EPTO), um programa de âmbito municipal que funciona como uma estratégia intersetorial de cuidados a demandas coletivas e individuais, que porventura surjam no contexto escolar, especificamente no ensino fundamental. As ferramentas utilizadas são Escuta Ativa e Matriciamento, e os serviços envolvidos são educação, saúde e assistência social. O EPTO é amparado pela Lei 13.935/2019 que dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e de serviço social nas redes públicas de educação básica. O programa entra como uma forma de operacionalizar a lei, de modo que dá orientações e fornece subsídios para a construção dos planos de trabalho dessas categorias dentro da escola. Dito isso, acrescenta-se que, além da equipe intersetorial de referência, a escola em questão conta com a formação dos diversos agentes escolares para práticas de escuta ativa, de modo que, a escola possui a cultura de atenção e cuidado à saúde

mental.

Foi nesse ambiente escolar, portanto, que as perguntas de pesquisa ganharam corpo: De que forma obras literárias podem servir de ferramenta para abordar responsavelmente a temática do suicídio entre jovens escolares? Podem tais obras e sua discussão sensibilizar as pessoas e, consequentemente, contribuir para diminuição dos índices de tentativas e mortes por suicídio?

Diante dessas questões, esta pesquisa foi elaborada a partir do objetivo geral de investigar como obras literárias podem servir de ferramenta para abordar responsavelmente a temática do suicídio entre jovens escolares, além de ter como objetivos específicos: descobrir como obras literárias podem ser usadas como recurso interventivo; criar estratégias de uso de obras literárias para abordagem responsável de temas ligados ao suicídio junto ao público de jovens escolares; e, gerar espaços de diálogo e comunicação que proporcionem o esclarecimento sobre o tema.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa teve por método a pesquisa-intervenção, a qual além de compreender o fenômeno, também propõe intervenções práticas sobre ele. Ao perceber a forma como a literatura atraia os participantes, a pesquisadora mediou as discussões e ações consequentes que surgiram dentro do contexto estudado.

Segundo Chassot & Silva (2018):

A pesquisa-intervenção caracteriza-se, nesta perspectiva da transversalidade, como uma metodologia de investigação que procura envolver os saberes de todos que compõem o campo de pesquisa, pensados como coautores de uma prática de produção de conhecimento que nunca se separa do próprio processo de intervenção. (p. 03)

O delineamento da pesquisa foi qualitativo, com inspiração etnográfica, considerando que a etnografia defende a constante interação do pesquisador com o campo, defendendo a investigação de possíveis disparidades entre os dados reais e as hipóteses teóricas (Godoy, 1995).

A pesquisa aconteceu com um grupo de 10 (dez) alunos, entre 13 (treze) e 14 (quatorze) anos, todos frequentando o 8º (oitavo) ano do ensino fundamental II. A escolha por essa turma e faixa etária se deu pela consideração de que os alunos mais novos poderiam não conseguir absorver toda a dimensão do que a temática se propõe, mesmo com a experiência prévia do clube do livro tendo

acontecido com alunos do 6º (sexto) ano, a pesquisa atual se apresentou como algo mais estruturado e com maiores aprofundamentos. Justificada a exclusão das turmas mais novas, explico agora que a turma no 9º (nono) ano não foi a escolhida por ser uma turma já com alta carga de atividades, o que dificultaria o acesso e encontro de horários disponíveis para as reuniões que a pesquisa propôs.

A escola que foi o campo da pesquisa, é de tempo integral, especialista em ensino fundamental II, do município de Sobral/CE. A pesquisadora já se encontrava inserida no campo de pesquisa por atuar como orientadora educacional na referida escola, o que foi fator definitivo para a escolha desse campo. Por se tratar de uma temática delicada e que exige imensa responsabilidade, a pesquisadora prezou por um ambiente em que foi possível ter controle suficiente acerca da repercussão emocional para os participantes. Considerando que a pesquisadora já atuava na escola com a função principal de cuidar do aspecto socioemocional dos alunos, os leitores-alunos participantes da pesquisa estiveram bem assistidos.

O espaço escolar propicia uma comunidade que reúne diferentes pares de uma mesma sociedade, tornando rica as relações que nela se desenvolvem. Ao se apropriar do campo de pesquisa, foi possível para a pesquisadora ter uma visão mais prática, de como as hipóteses teóricas, acerca do acesso à temática do suicídio, poderiam intervir na relação com o tema e/ou com os indivíduos com ideação. A presença pedagógica, que faz parte do modelo da escola de tempo integral, foi fundamental para se ter essa visão prática. Como orientadora educacional, a pesquisadora já se encontrava presente na rotina dos alunos, intermediando relações e mediando conflitos, ou apenas observando seus comportamentos e intervindo quando havia necessidade. Além de que, a cultura da referida escola já contava com olhares atentos de todos os profissionais sobre os estudantes, facilitando as intervenções de aspecto socioemocional e inter-relacional que foram necessárias.

Antes de iniciar a pesquisa, a pesquisadora submeteu o projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA e, recebendo parecer consubstanciado de número 6.846.235 e CAAE 79442424.7.0000.5053, obteve aprovação. O projeto foi então apresentado à Secretaria Municipal de Educação de Sobral, na pessoa do secretário de educação, recebendo autorização para prosseguir com a ação. Em seguida, o projeto passou pelo gestor responsável pela escola para aprovação do calendário planejado e adequação das atividades à rotina escolar. Dando

sequência à burocracia de consentimento, a pesquisadora entrou em contato por ligação de vídeo com 08 (oito) dos responsáveis pelos alunos participantes, e reuniu-se pessoalmente com os outros 02 (dois), quando pôde explicar sobre a pesquisa, ler o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) com eles, esclarecer as dúvidas e receber o consentimento destes para a participação. Posteriormente, a pesquisadora reuniu-se com cada participante individualmente para obter o assentimento destes através do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE). Para os responsáveis que consentiram através da ligação de vídeo, a pesquisadora enviou os TCLEs pelos participantes, para que as assinaturas fossem coletadas.

Os possíveis riscos ou desconfortos decorrentes da participação na pesquisa foram explicados nesse momento, tanto para os responsáveis como para os participantes. A pesquisadora explicitou que o acesso a emoções desagradáveis, bem como o disparo de gatilhos que poderiam gerar algum tipo de sofrimento, ou evocar sensações de tristeza nos participantes poderiam acontecer. Considerando o tema proposto, mesmo com o uso de situações fictícias de obras literárias, a possibilidade de as discussões causarem reações desagradáveis seja de medo ou tristeza estavam bem presentes. Prevendo tais acontecimentos a pesquisadora ressaltou que a própria é profissional em Psicologia, atua na própria escola como Orientadora Educacional, e estaria acompanhando todos os participantes durante e depois de finalizada a pesquisa. Além disso, também contamos com o apoio do serviço de saúde que atende a instituição escolar, para o caso de haver a necessidade de um acompanhamento clínico.

A estratégia da pesquisa se deu por observação participante e rodas de conversas semanais. No total foram 08 (oito) rodas de conversa, nas quais foram discutidos trechos dos livros previamente selecionados, de modo que foi possível gerar diálogos construtivos acerca da temática estudada. Cada obra foi discutida em três rodas de conversas. Na primeira e na segunda rodas referentes a cada livro, a obra foi apresentada, e foram lidos e discutidos os trechos selecionados previamente pela pesquisadora, aos participantes foi proposta a feitura de um mapa mental acerca das impressões do que foi disposto. Tal mapa foi discutido na terceira roda de conversa. Para a discussão e leitura dos trechos selecionados das obras, a pesquisadora usou de ludicidade para dinamizar o momento, de modo que, colocou todos os trechos em uma caixa e os participantes retiravam aleatoriamente um trecho para fazer a leitura e iniciar

um debate.

Os participantes iniciavam dando opiniões e a pesquisadora realizava a intervenção quando julgava necessário fazer esclarecimentos ou aprofundar os pontos que eles levantavam. Para a confecção dos mapas mentais, a orientação foi de que os participantes registrassem o que mais chamou a atenção deles no decorrer do estudo das obras. Eles o fizeram, contudo houve resistência, a pesquisadora mantém a hipótese de que isso ocorreu por sentirem dificuldade em escrever o que pensavam, de modo que se sentiam mais dispostos a falar do que a escrever. Logo, os mapas mentais não trouxeram informações além das que apareciam nas discussões, e por esse motivo eles não passaram por análise, a análise se limitou aos diários de campo que a pesquisadora manteve.

Antes da entrada no campo, a pesquisadora escolheu 02 (duas) obras, definindo sua ordem de apresentação aos participantes. A escolha da ordem de discussão das obras considerou o que cada uma aborda, iniciando com uma que traz o suicídio e suas causas e consequências em um contexto escolar, seguindo com uma obra que apresenta um suicídio não consumado e consequente busca pelo cuidado com a saúde mental.

No esquema proposto de 03 (três) rodas de conversa para cada livro, utilizamos 06 (seis) momentos. Contudo, a pesquisadora realizou um momento inicial de abertura dos trabalhos e um final para seu encerramento, nessas ocasiões os participantes puderam levantar questões para além das obras. Desse modo, a pesquisa contou no total com 08 (oito) encontros com os jovens participantes.

No primeiro encontro, os participantes falaram sobre o que já sabiam sobre suicídio e o que percebiam que acreditavam ser sinais de alerta, e no último encontro a pesquisadora solicitou um feedback de tudo que havia sido conversado até então. Os encontros foram semanais, totalizando 08 (oito) semanas, e cada encontro durou cerca de 50 (cinquenta) minutos, o tempo de uma hora/aula no cronograma escolar. Os encontros aconteceram na própria escola, no horário em que os estudantes já se encontravam na instituição, os 10 (dez) participantes se encontravam com a pesquisadora em uma sala reservada exclusivamente para esse momento.

Os livros que foram selecionados para servirem de instrumento na pesquisa são romances de autores estrangeiros. A escolha por obras estrangeiras, não se deu em detrimento de obras nacionais, o critério utilizado foi a forma como ambos abordam a temática. Além do que, o uso de contextos

culturalmente diversos enriquece a experiência, de modo que aponta novas perspectivas sobre uma mesma situação.

As obras escolhidas apresentam a temática de uma forma que podem servir como disparadoras para abordagem de temas como *bullying* e depressão. Por sua vez, esses temas se justificam por comporem contextos estressores que porventura funcionem como fatores de risco para o suicídio. Já que, segundo Calbo *et al.* (2009), o *bullying*, acarreta diversas consequências para o indivíduo que é vítima, indo de prejuízos no desempenho escolar e diminuição da autoestima, até o desenvolvimento de psicopatologias como a depressão e a fobia social, e até mesmo a ideação seguida de tentativa de suicídio.

No que diz respeito à depressão, Chachamovich *et al.* (2009) afirma que pessoas acometidas por tal doença mental tem maior risco de cometer suicídio, bem como o risco se mostra maior quando há a presença de comorbidades, além da depressão, e o risco diminui quando esta é tratada.

A bibliografia que trata dessa temática ainda abrange os impactos do suicídio, ou da tentativa de suicídio, para os familiares e amigos; indicando o fator culpa como principal sentimento, especialmente nos casos de suicídio por *bullying* e conflitos familiares.

A primeira obra é do autor americano Jay Asher (2009), intitulada de *Os 13 porquês*, que relata a história de uma jovem que cometeu suicídio e deixou um total de 13 fitas com mensagens gravadas por ela antes de cometer o ato. Cada fita representa um motivo para a decisão pelo suicídio. A obra aborda *bullying* e assédio sexual no contexto escolar. A escolha por esse livro se deu pela abordagem direta das causas do suicídio, bem como os tipos de comportamento que podem contribuir para o sofrimento de um indivíduo. A obra ainda expõe sinais de alerta a que podemos estar atentos para que a prevenção seja de maior eficácia. A escolha dessa obra em específico também foi motivada por um acontecimento que chegou ao conhecimento da pesquisadora há alguns anos atrás, em que o livro foi retirado da biblioteca de uma escola, após duas alunas terem cometido suicídio depois de ler o livro. A hipótese de que o livro influenciou foi levantada por as alunas constarem na lista da bibliotecária como tendo retirado o livro para leitura pouco tempo antes dos acontecimentos.

A obra não foi trabalhada na íntegra, os trechos que foram usados como ponto de partida para as discussões estão expostos no ANEXO A, e foram escolhidos por exporem sentimentos,

pensamentos e questionamentos que levam a reflexão sobre o estar sofrendo e o presenciar esse sofrimento.

A segunda obra que compõe a seleção desta pesquisa, é da autora *best-seller* Colleen Hoover (2022), *As mil partes do meu coração*. O livro aborda a história de uma jovem nos primeiros estágios da depressão, depressão essa que a domina cada vez mais à medida que a história acontece, impedindo-a de perceber a própria realidade, como de fato é, e a colocando em um labirinto que culmina na tentativa de suicídio, tentativa falha, que a leva a reconhecer a necessidade de buscar ajuda e cuidar da sua saúde mental. Nessa obra, podemos perceber o papel que a família exerce em um situação de transtorno mental, assim como o fato de a doença mental alterar a percepção que o sujeito acometido tem da realidade. A escolha do livro se deu principalmente por este retratar como a dor pode ofuscar todo o resto, e apontar que após aceitar o diagnóstico e buscar ajuda as coisas começam a clarear, e a vida passa a ser vista por uma nova ótica.

Assim como a obra anterior, esta também não foi lida na íntegra. Os trechos foram selecionados com base na mesma justificativa e são apresentados no ANEXO B.

## ANÁLISE DE DADOS

Nesta pesquisa, após a coleta dos dados, o tipo de análise escolhida foi a análise temática, que permite à pesquisadora identificar, analisar, interpretar e relatar padrões a partir dos dados qualitativos, esses padrões transformam-se em temas que devem relacionar-se entre si para compor uma análise interpretativa sobre os dados (Souza, 2019).

O método de Análise Temática que Souza (2019) descreve e que foi seguido nesta pesquisa é o método de Braun e Clarke (2006), o qual apresenta seis fases, das quais: Familiarização com dados; Gerando códigos iniciais; Buscando temas; Revisando temas; Definindo e nomeando temas; e, Produzindo relatório.

Os dados analisados na presente pesquisa foram os diários de campo mantidos pela pesquisadora. Após a familiarização com eles, que consistiu na leitura e releitura dos registros, a pesquisadora gerou os seguintes códigos iniciais: C1- Desafios: Obstáculos enfrentados; C2-Interesse dos participantes: o mistério atrai; C3- Envolvimento dos participantes; C4- Mecanismos de defesa; C5- Teoria X Prática; e, por fim, C6- Acesso às vulnerabilidades.

Após os códigos gerados, iniciou-se a busca pelos temas. Na fase três, a pesquisadora elencou quatro temas baseados nos códigos antecedentes: T1- Entraves no percurso, que engloba as dificuldades encontradas pela pesquisadora durante a execução da pesquisa e os obstáculos apresentados pelos participantes, bem como possíveis soluções; T2- Fascínio pelo mistério trágico, que aponta o fato de os participantes se mostrarem mais interessados e envolvidos com a história mais trágica e que deu mais margens para especulações; T3- Tempo e vínculo, sinalizando que com o passar dos encontros, os participantes sentiram-se mais confortáveis para expor suas opiniões, assim como reconhecer e abraçar suas vulnerabilidades. Reforço ao argumento de que falar sobre suicídio não leva ao suicídio; e, por fim, T4- Defesas emocionais, que apresenta a nítida dificuldade dos participantes em aplicar teoria na prática, ou mesmo de reconhecer comportamentos inadequados e agressivos, ou uso de humor para justificar comportamentos inadequados e agressivos. Além de dificuldade em organizar os pensamentos e opiniões de forma escrita.

Na quarta fase a pesquisadora revisou os temas, verificando se eles de fato funcionam de acordo com o banco de dados. A pesquisadora selecionou trechos dos registros que justifiquem cada tema. O primeiro tema “Entraves no percurso” se justifica pelos seguintes trechos: “*o fato de faltarem a escola tem como consequência a falta no encontro*”; “*De início os participantes se mostraram retraídos, de modo que não teceram muitos comentários.*”; “*As participantes afirmaram ainda que por muitas vezes não emitem opiniões nas discussões por não confiarem que os demais integrantes do grupo vão manter o sigilo que foi acordado no início*”; “*pediram que o grupo de pessoas que fosse escolhido para participar em uma próxima vez fosse composto por pessoas que de fato levassem tudo a sério.*”; “*Relataram ainda sentir dificuldade em entender e se envolver com a segunda história*”; “*a mudança de um livro para o outro foi muito rápida e eles queriam ter falado mais sobre o primeiro, ao mesmo tempo que não compreenderam muito a história do segundo.*”; “*Acreditam que o fato de a segunda história ser mais distante da realidade deles contribuiu para o desinteresse, enquanto com a primeira história eles conseguiam facilmente visualizar acontecendo*”.

O segundo tema “Fascínio pelo mistério trágico”, justifica-se pelos extratos de texto a seguir: “*Nos dois primeiros trechos, os jovens mais ouviam do que falavam, e foi somente após o terceiro trecho que eles começaram a emitir opiniões, relatando estado de choque pelo que a*

*personagem passava e certo mal-estar por saberem que aquele tipo de sofrimento existe, e apesar de a história ser fictícia, é algo que acontece na vida real.”; “emitiram suas opiniões e inclusive pediam constantemente para ler os trechos”; “os participantes reconhecendo a problemática e relatando sentir pena, tristeza e raiva por tudo que a personagem passava”; “ao final os participantes levantaram questionamentos acerca das possibilidades de outro final para a história”; “participantes sinalizaram a vontade de ler a obra na íntegra e compartilharam o PDF do livro entre si, enquanto os demais apontaram que iriam assistir a série televisiva que é baseada na obra”; “o fato de a personagem ter cortado o cabelo e indicado tal fato como sinal de alerta da sua ideação suicida, chamou a atenção de boa parte do grupo”; “Em meio às perguntas, os participantes discutiam as possibilidades e encontravam meios de evitar o suicídio como fim”; “os participantes retomaram uma dúvida que já havia sido pauta em encontros anteriores, que seria sobre a forma como a personagem cometeu suicídio.”; “Os participantes se mostraram mais dispersos e desinteressados com a segunda história”; “Os participantes apontaram que a história do primeiro livro os deixou mais reflexivos e interessados, devido a tragédia que aconteceu”; “comentários e questionamentos se tornaram mais superficiais e genéricos a partir do início do segundo livro”.*

Os extratos seguintes justificam o tema “Tempo e vínculo”: “*De início os participantes se mostraram retraídos, de modo que não teceram muitos comentários*”; “*Nos dois primeiros trechos, os jovens mais ouviam do que falavam, e foi somente após o terceiro trecho que eles começaram a emitir opiniões*”; “*o participante Er. opinou que considerava a personagem louca, por ter mudado o cabelo, após a emissão da opinião, os outros participantes tentaram explicar o que eles haviam entendido, reproduzindo o trecho e apontando a fala da personagem, que seria o fato de ‘ser a única coisa sobre a qual ela ainda tinha algum controle em sua vida’*”; “*dessa vez foi perceptível que os participantes estavam mais confortáveis para a discussão*”; “*Não foi possível ler todos os trechos devido ao tempo, mas ao final os participantes levantaram questionamentos acerca das possibilidades de outro final para a história*”; “*ao perceber, na história da personagem do livro, dificuldades similares as suas, se sentiu pronta para compartilhar, nesse momento, a participante expôs suas questões em meio ao choro, mas após dizer o que sentia, conseguiu se acalmar. A pesquisadora questionou se os momentos estavam sendo difíceis para ela, ela respondeu que sim, mas que não iria deixar o grupo, queria continuar pois*

*era o único lugar onde ela estava conseguindo dar atenção devida a tais questões.”; “a participante A. afirmou, e os demais concordaram, que se sentiu muito reservada e retraída nos dois primeiros encontros, pois tinha receio do que falar sobre o tema, e somente a partir do terceiro encontro conseguiu falar e emitir opinião com mais leveza.”; “Consideram que agora veem o tema com mais naturalidade, ao mesmo tempo que têm consciência que é algo que necessita atenção”.*

Por fim, o tema “Defesas emocionais” é justificado pelos extratos: “A pesquisadora direcionou o foco da discussão para os sinais de alerta e os participantes apontaram alguns dos quais conseguiam reconhecer nos colegas, a partir do que relataram situações vivenciadas em sala de aula. Considerando os episódios relatados, a pesquisadora apontou possíveis formas de lidar melhor com os casos, enfocando a empatia e a assertividade necessárias para que conflitos desnecessários possam ser evitados, bem como evitando também possíveis desconfortos de todos os envolvidos.”; “O participante Er. assumiu que compreendia o que os colegas estavam explicando, contudo, a pesquisadora reparou que ele não se deu por convencido.”; “o silêncio e a falta de comentários não se deram devido a desinteresse, mas sim ao fato de eles estarem processando todas as informações.”; “o participante O., que é uma das estrelas esportivas da escola, ter passado boa parte do encontro rindo, brincando e desviando a atenção dos colegas, tornando difícil a concentração e atenção aos temas discutidos. A pesquisadora precisou intervir diversas vezes, reforçando a possibilidade de deixar o grupo ou de se comprometer de fato com o que estava sendo trabalhado ali. O participante oscilou entre ouvir e acatar o que a pesquisadora dizia e retornar ao comportamento brincalhão. Apesar dessa dificuldade, é um participante que não quer se retirar, ele quer permanecer no grupo e comparecer aos encontros”;

“discutimos os mapas mentais, que foi um fator de imensa negociação por parte dos participantes, que tentaram de todas as formas não fazer, alegando que não sabiam como ou que não teriam tempo, e que estavam com preguiça de fazer, porém, todos chegaram com os mapas mentais prontos na hora do encontro.”; “Uma das participantes apontou que se a tentativa não tivesse sido bem-sucedida, ela, enquanto colega de escola, repensaria suas atitudes, no que a pesquisadora questionou se há a necessidade de algo extremo acontecer para que repensem nossas práticas. Os participantes não emitiram respostas imediatas ou concretas, mas após refletirem reconheceram que é necessário repensar atitudes independente dos acontecimentos trágicos”; “Outra pauta que acendeu a discussão

*foi com a frase que é dita no livro ‘nem todo erro precisa de consequência, às vezes o que ele precisa é de perdão’. Os participantes apontaram a importância do perdão, mas não acham que conseguem agir assim na própria realidade”; “a pesquisadora precisou chamar a atenção de 3 participantes que estavam brincando e deixando os demais desconfortáveis”; “O participante O. afirmou que ficará atento aos sinais, os demais o apoiaram nessa fala, e se comprometeram em buscar ajuda logo que algo se apresente, mesmo que seja um alarme falso”.*

Na fase cinco, a pesquisadora buscou identificar a essência daquilo que cada tema trata. O tema “Entraves no percurso” envolve alguns obstáculos que se apresentaram e dificultaram o alcance dos objetivos. A escolha por mais de uma obra tornou a discussão pretendida incompleta na primeira obra, e superficial na segunda. A sensibilização pretendida aconteceu, contudo, o tempo foi curto e aparentemente os participantes não tiveram tempo suficiente para absorver toda a temática, de modo que o que poderia ter sido profundo com a discussão da primeira obra, se transformou em comentários rasos na segunda obra.

O segundo tema “Fascínio pelo mistério trágico” aponta a nítida curiosidade que os participantes têm sobre o suicídio, contextos, causas, hipóteses, sinais de alerta, tudo gera dúvida e suscita discussão. Contudo, isso acontece diante da tragédia, a emoção que o trágico evoca mobilizou os participantes a se interessarem e questionarem. E isso não aconteceu por eles estarem em uma situação vulnerável, mas pela mera curiosidade de entender melhor sobre um tema que é tido como polêmico, e até proibido. Na história com o final feliz a discussão esfriou, pois os participantes queriam falar sobre o suicídio, e não sobre a superação, para eles, a proposta das atividades era discutir suicídio e era isso que eles queriam fazer.

O terceiro tema “Tempo e Vínculo” evidencia que o tempo é imprescindível para que a discussão aconteça de forma profunda e detalhada. Os participantes levam um tempo para absorverem o que é falado, levam tempo para se sentirem confortáveis para expor opiniões, levam tempo para absorver opiniões contrárias, e mais tempo para refletir. Após o vínculo criado com a pesquisadora, e entre si, a discussão do grupo fluiu com mais facilidade. Contudo, a opção de usar duas obras quebrou uma discussão que poderia ter sido mais aprofundada. Porém, independente desse fato, os participantes expuseram opiniões e fizeram comentários quando se sentiram aptos e confortáveis, o que levou um

tempo, mas aconteceu. E além de opiniões gerais sobre o tema, também houve os casos em que participantes se identificaram com a história, revelaram ideação suicida e continuaram no grupo, falando sobre, ouvindo as pessoas falarem sobre e abraçando suas vulnerabilidades a fim de superá-las, provando que falar sobre suicídio não leva ao suicídio, ao contrário, leva à segurança, à busca de ajuda e à superação.

Portanto, com tempo, é possível fazer uso de obras literárias para sensibilizar pessoas, para gerar informação, para criar espaços livres de estigmas, e prevenir o suicídio. Mesmo que inicialmente essa prevenção aconteça somente com os participantes do grupo, que se veem em um ambiente seguro para expor suas dores e cuidar destas, nada impede que, futuramente, essas mesmas pessoas se tornem agentes de cuidado, após aprenderem como se cuidar e cuidar do outro como consequência.

O quarto e último tema “Defesas emocionais” aponta os muitos mecanismos de defesa percebidos durante a coleta de dados, é preciso discernimento para identificá-los e profissionalismo para compreendê-los. Os silêncios, as risadas, a descontração, que à primeira vista aparentam ser descaso, podem se confirmar como uma defesa do participante diante dos desconfortos que o tema provoca. O tempo é aliado dessa percepção, pois com o tempo e com o vínculo criado é mais fácil para o pesquisador discernir os comportamentos.

A última etapa da análise de dados é a produção do relatório que se configura como os resultados da pesquisa.

## RESULTADOS

A presente pesquisa partiu das seguintes perguntas: “De que forma obras literárias podem servir de ferramenta para abordar responsávelmente a temática do suicídio entre jovens escolares?” e “Podem tais obras e sua discussão sensibilizar as pessoas e, consequentemente, contribuir para diminuição dos índices de tentativas e mortes por suicídio?”. Após análise temática dos dados, que consistem em diário de campo produzido pela pesquisadora a partir das rodas de conversa com os participantes, foi possível obter algumas respostas.

Acredito que obras literárias que tratem abertamente sobre o suicídio tem a capacidade de prender a atenção de jovens e suscitar discussões ricas a respeito da temática, e essas discussões sendo bem conduzidas por profissionais capacitados podem levar a ricos resultados, dentre eles a

sensibilização dos envolvidos e a divulgação de informações que ajudem na prevenção, como, por exemplo, a atenção aos sinais de alerta.

É importante considerar os entraves logísticos ao percurso, sendo o tempo de pesquisa o principal, de modo que, em resposta a pergunta de partida, a literatura consegue sim sensibilizar as pessoas para a questão do suicídio, contudo, não houve tempo suficiente para perceber se esta sensibilização pode vir a contribuir para a diminuição dos índices de morte por suicídio, o que se mostra no seguinte trecho do oitavo encontro “*O participante O. afirmou que ficará atento aos sinais, os demais o apoiaram nessa fala, e se comprometeram em buscar ajuda logo que algo se apresente, mesmo que seja um alarme falso.*” Os participantes compreendem a urgência do tema, mas a pesquisadora não poderá confirmar as ações acordadas com eles. Outra dificuldade se mostrou na relação entre os participantes, os dez escolhidos mantinham relação próxima e de convivência diária, o que retraiu alguns deles, que não expunham suas opiniões por receio de nem todos manterem o acordo de sigilo, o que foi exposto no sexto encontro “*As participantes afirmaram ainda que por muitas vezes não emitem opiniões nas discussões por não confiarem que os demais integrantes do grupo vão manter o sigilo que foi acordado no início*”.

No que diz respeito à forma com que as obras literárias podem servir de ferramenta, apresentou-se um obstáculo que poderia ter sido evitado, o uso de duas obras dificultou a imersão dos participantes na discussão. Logo, é necessário o foco em obras que façam sentido para o público com o qual se pretende trabalhar, quanto mais os participantes se identificarem com a obra debatida, mais eles contribuirão com comentários e ações. A pesquisadora chegou a tal conclusão pela fala unânime dos participantes, que aconteceu no oitavo e último encontro: “*Acreditam que o fato da segunda história ser mais distante da realidade deles contribuiu para o desinteresse, enquanto com a primeira história eles conseguiam facilmente visualizar acontecendo*”. O interesse pela primeira obra também se tornou evidente durante a produção dos mapas mentais, os participantes resistiram a fazer ambos, porém se dedicaram a fazer o da primeira obra, enquanto o da segunda foi feito no momento do encontro que deveria ser apenas para discussão, pois os participantes não se dispuseram a fazer como atividade extra.

A primeira obra trouxe contribuições valiosas para a pesquisa. Os participantes demonstraram verdadeiro fascínio pelo mistério trágico que o livro trouxe, de modo que buscaram lê-lo

na íntegra e/ou assistir a série televisiva baseada na obra, conforme falas evidenciadas no terceiro encontro “*participantes sinalizaram a vontade de ler a obra na íntegra e compartilharam o PDF do livro entre si, enquanto os demais apontaram que iriam assistir a série televisiva que é baseada na obra*”. A pesquisadora optou por duas obras e por encerrar com a obra onde o suicídio não era consumado e havia um final feliz, pensando em não deixar um sentimento de mal-estar e desesperança nos participantes com a tragédia da primeira obra, contudo, a proposta sempre foi discutir sobre suicídio, e era isso que os participantes esperavam, eles demonstraram grande sede de conhecimento sobre o tema, necessidade de entender o tabu e conhecer os sinais de alerta, seja por curiosidade ou por identificação, eles queriam falar sobre suicídio, e evidenciaram essa vontade em diversos momentos, a exemplo no encontro três: “*emitiram suas opiniões e inclusive pediam constantemente para ler os trechos*”; “*os participantes reconhecendo a problemática e relatando sentir pena, tristeza e raiva por tudo que a personagem passava*”. E no quarto encontro: “*o fato de a personagem ter cortado o cabelo e indicado tal fato como sinal de alerta da sua ideação suicida, chamou a atenção de boa parte do grupo*”; “*os participantes retomaram uma dúvida que já havia sido pauta em encontros anteriores, que seria sobre a forma como a personagem cometeu suicídio*.”. Além de falar sobre a tragédia, os participantes também queriam especular acerca do mistério, dos “e se” que um suicídio traz consigo, o que não foi possível com a segunda história que já trazia todas as resoluções, mas na primeira eles conseguiram dar espaço para a criatividade ao pensar em outros cenários, no quarto encontro: “*Em meio as perguntas, os participantes discutiam as possibilidades e encontravam meios de evitar o suicídio como fim*”.

Mesmo com a necessidade de falar sobre suicídio, os participantes ainda levaram um tempo para se sentirem minimamente confortáveis para tal, no início se mostraram retraídos e explicaram no último encontro o motivo: “*a participante A. afirmou, e os demais concordaram, que se sentiu muito reservada e retraída nos dois primeiros encontros, pois tinha receio do que falar sobre o tema, e somente a partir do terceiro encontro conseguiu falar e emitir opinião com mais leveza*.”. A pesquisadora aponta a partir disso que, para que um vínculo de confiança seja construído, é necessário tempo, e quando a temática é abordada com responsabilidade, assertividade e respeito, fica ainda mais claro que falar sobre suicídio não causa suicídio, derrubando o mito; isso é notado por este registro

referente ao terceiro encontro: “*ao perceber na história da personagem do livro, dificuldades similares as suas, se sentiu pronta para compartilhar, nesse momento a participante expôs suas questões em meio ao choro, mas após dizer o que sentia, conseguiu se acalmar. A pesquisadora questionou se os momentos estavam sendo difíceis para ela, ela respondeu que sim, mas que não iria deixar o grupo, queria continuar pois era o único lugar onde ela estava conseguindo dar atenção devida a tais questões.*”.

Por fim, mais um ponto a ser considerado nesta análise são as defesas emocionais que alguns participantes apresentaram ao decorrer do processo. Tais defesas se evidenciaram em forma de silêncios e brincadeiras, que de início foram mal interpretados pela pesquisadora, que depois percebeu que os participantes estavam se protegendo do acesso às emoções desconfortáveis, por exemplo quando, no terceiro encontro: “*o participante O., que é uma das estrelas esportivas da escola, ter passado boa parte do encontro rindo, brincando e desviando a atenção dos colegas, tornando difícil a concentração e atenção aos temas discutidos. A pesquisadora precisou intervir diversas vezes, reforçando a possibilidade de deixar o grupo ou de se comprometer de fato com o que estava sendo trabalhado ali. O participante oscilou entre ouvir e acatar o que a pesquisadora dizia e retornar ao comportamento brincalhão. Apesar dessa dificuldade, é um participante que não quer se retirar, ele quer permanecer no grupo e comparecendo aos encontros*”.

A pesquisadora percebeu, a partir daí, que era difícil para os participantes abandonarem hábitos aos quais já estavam acostumados, bem como mudar comportamentos que representavam suas personalidades, ou como eles queriam que os demais reconhecessem essa personalidade.

Além do exemplo citado com o participante específico, há algo que foi comum a todos: os silêncios e a dificuldade de escrever sobre sentimentos e sensações. No encontro dois os participantes deixaram claro em suas falas que “*o silêncio e a falta de comentários não se deram devido a desinteresse, mas sim ao fato de eles estarem processando todas as informações.*” e quando houve a solicitação da produção dos mapas mentais no quarto encontro houve grande resistência: “*discutimos os mapas mentais, que foi um fator de imensa negociação por parte dos participantes, que tentaram de todas as formas não fazer, alegando que não sabiam como ou que não teriam tempo, e que estavam com preguiça de fazer, porém, todos chegaram com os mapas mentais prontos na hora do encontro.*”

Mesmo com o interesse, a discussão e a troca de opiniões entre o grupo, no quarto encontro foi percebido que os participantes tinham dificuldade de aplicar teoria na prática. Eles conheciam os sinais de alerta e sabiam como proceder e como não proceder, mas ainda assim precisavam de algo extremo para considerar a possibilidade de mudar as formas de agir que pudessem causar sofrimento em outras pessoas, talvez por ainda se firmarem na crença de que suicídio é algo irreal e distante: “*Uma das participantes apontou que se a tentativa não tivesse sido bem-sucedida, ela, enquanto colega de escola, repensaria suas atitudes, no que a pesquisadora questionou se há a necessidade de algo extremo acontecer para que repensem nossas práticas. Os participantes não emitiram respostas imediatas ou concretas, mas após refletirem reconheceram que é necessário repensar atitudes independente dos acontecimentos trágicos*”.

Logo, obras literárias podem sim ser usadas como ferramenta para sensibilizar e prevenir suicídio, contanto que haja tempo para aprofundar a discussão, disponibilidade e preparo teórico e técnico do profissional conduzindo para cuidar e acolher as demandas que se apresentarem. A forma como as obras serão abordadas é fator imprescindível para a boa execução do diálogo, o mediador precisa ter conhecimento da obra e do tema proposto para conseguir conduzir de forma clara a partir do que os participantes decidirem compartilhar, além de que é importante selecionar obras que sejam de interesse do público e façam sentido na realidade deles, para que a compreensão seja mais fácil e significativa.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Desenvolver esta pesquisa se mostrou antes de tudo como uma experiência enriquecedora para a pesquisadora enquanto profissional em saúde mental. O espaço escolar já era ocupado pela profissional enquanto psicóloga, no cargo de orientadora educacional, e apesar da possibilidade de provocar confusão de papéis devido a tantas funções envolvendo a mesma pessoa, não foi o que aconteceu.

Enquanto orientadora educacional, a psicóloga já possuía bons vínculos com toda a comunidade escolar, e no momento em que se colocou nesse campo como pesquisadora, foi essencial a clareza das informações no momento da proposta do estudo. Com um diálogo claro e objetivo, foi possível separar as várias funções em que essa única pessoa se colocou.

A experiência também trouxe para a profissional uma nova perspectiva do seu trabalho tanto como pesquisadora quanto como orientadora educacional. Partindo da expectativa que a mesma criou em relação à pesquisa, em que o objetivo estaria na prevenção do suicídio com os participantes sendo agentes de cuidado, que identificariam sinais de alerta e iriam se propor a cuidar e acolher. Contudo, a prevenção se mostrou de forma diferente, mas igualmente significativa, em que os próprios participantes não seriam agentes, mas indivíduos que precisam ser cuidados e acolhidos, trazendo a lógica de que para cuidar do outro é necessário cuidar de si primeiro. E ao estar em um espaço onde é possível falar e ouvir sobre as suas dores e as dos outros, os indivíduos podem encontrar segurança para aceitar suas vulnerabilidades e não permitir que elas o controlem.

Desse modo, foi importante refletir sobre os tipos de vínculos que formamos enquanto profissionais. O vínculo que a profissional mantinha com os alunos da instituição escolar foi importante para o início e adesão à pesquisa, contudo, um vínculo diferente se estabeleceu quando a profissional se colocou no espaço como pesquisadora que estuda o suicídio. Isso foi percebido pelas confissões que surgiram nos encontros, de situações que a profissional enquanto orientadora não tinha conhecimento, mas também pelos limites que a pesquisa encontrou, como a necessidade de mais tempo de diálogo, pois o que estava sendo discutido e estudado no contexto da pesquisa era trabalhado de uma forma diferente no contexto natural da escola. De modo que, os participantes necessitavam estar naquele espaço de pesquisa para se permitirem explorar e discutir o tema abordado, apesar de terem acesso à mesma profissional no dia-a-dia, a busca pela orientadora acontecia com temas diferentes dos que chegavam para a pesquisadora.

A coleta de dados da pesquisa iniciou no mês de agosto e findou em outubro, de modo que aconteceu durante o mês de setembro, contudo, não houve interferência da campanha Setembro Amarelo nas discussões realizadas dentro da pesquisa. Claramente a campanha foi mencionada e explicada durante as rodas de conversa, mas os participantes direcionaram o foco para a problemática em si e os processos de intervenção que podem acontecer diariamente, não focando em campanhas anuais.

A pesquisadora garantiu que haveria assistência aos participantes caso algum dos riscos acontecesse, porém, nenhum dos participantes necessitou de acompanhamento para além do que a

pesquisadora enquanto profissional em psicologia não pudesse suprir. A preocupação da pesquisadora com os possíveis riscos causou uma das limitações da pesquisa, sendo este o uso das duas obras para as discussões. A profissional teve o intuito de não encerrar os diálogos com um sentimento desconfortável entre os participantes, de modo que decidiu usar como segunda obra, uma que apresentasse um final feliz. Porém, devido a isso, interrompeu uma discussão acalorada e profunda sobre a primeira obra, e obteve uma discussão superficial com a segunda obra em que tudo terminou bem.

A proposta sempre foi discutir suicídio, os participantes assinaram o termo de assentimento sabendo disso e motivados a isso, portanto, quando a pesquisadora tentou amenizar a intensidade das discussões, os participantes não estavam dispostos. O que pôde-se concluir a partir desse fato foi a importância de, enquanto pesquisadora, abraçar a ideia como um todo. Essa entrega à proposta da pesquisa talvez solucionasse mais um dos limites encontrados, que foi a questão do tempo das discussões. Pela necessidade de se adequar aos horários da instituição escolar, a pesquisadora encontrou algumas limitações logísticas, que poderiam ter sido evitadas com os acordos prévios. Por exemplo, a quantidade de tempo de cada encontro e o tempo que levariam para todos os encontros acontecerem poderia ser estendido, dando a possibilidade das discussões se estenderem de acordo com a necessidade dos participantes.

Apesar dos limites encontrados, podemos reconhecer sua utilidade para o planejamento de novas ações e até para a replicabilidade da ação desenvolvida para a atual pesquisa. Como um dos desdobramentos da pesquisa, a pesquisadora desenvolveu a Cartilha: “Prevenção ao Suicídio: A literatura como recurso intervencivo”, na qual a profissional detalhou a ação com dicas e estratégias que podem facilitar a aplicação, considerando as possíveis soluções para as dificuldades encontradas nesta primeira aplicação.

A Cartilha aponta não só estratégias para a ação em si, mas também dicas para os profissionais conseguirem executar e obter bons resultados. Há ainda uma seleção de obras literárias que podem ser úteis para o desenvolvimento das atividades, ressaltando que cada profissional em psicologia que aplicar a ação, deverá verificar qual obra é de mais interesse para o seu público, considerando que o envolvimento dos participantes com a obra é essencial para o bom desenvolvimento dos diálogos.

Por fim, concluímos que a pesquisa atendeu aos objetivos iniciais, pois foi possível

identificar formas de usar as obras literárias como recurso intervencivo, de modo que estratégias e dicas puderam ser apontadas a partir da ação realizada, e os espaços de diálogo que iniciaram com as rodas de conversa da pesquisa, apresentam potencial para se tornarem uma prática da rotina escolar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Asher, J. (2009). Os 13 porquês. São Paulo: Editora Ática. p. 5-256
- Braga, L. L. & Dell'Aglio, D. D. Suicídio na adolescência: fatores de risco, depressão e gênero. *Contextos Clínic*, São Leopoldo , v. 6, n. 1, p. 2-14, jun. 2013 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S198334822013000100002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198334822013000100002&lng=pt&nrm=iso)>.acesso em 01 fev. 2025. <https://doi.org/10.4013/ctc.2013.61.01>.
- Brasil. Ministério da Saúde. (2005). Gabinete do Ministro. Portaria nº 2.542, de 22 de dezembro de 2005, Brasília.
- Brasil. Ministério da Saúde (2022). Boletim Epidemiológico, v. 53, n. 37. Suicídio em adolescentes no Brasil, 2016 a 2021, (p. 17 - 27).
- Braun, V; Clarke, V. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, v. 3, n. 2. p. 77 - 101. 2006.
- Calbo, A. S. , Busnello, F. B. , Rigoli, M. M. , Schaeffer, L. S. & Kristensen, C. H. Bullying na escola: comportamento agressivo, vitimização e conduta pró - social entre pares. 2009.
- Carlos, F. P. & D'Agord, M. R. L. O lugar obsceno do suicídio. *Rev. latinoam. psicopatol. fundam.*, São Paulo , v. 19, n. 1, p. 43-56, Mar. 2016. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-47142016000100043&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142016000100043&lng=en&nrm=iso)>. access on 02 Nov. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/1415-4714.2016v19n1p43.4>
- Chachamovich, E., Stefanello, S., Botega, N., & Turecki, G. (2009). Quais são os recentes achados clínicos sobre a associação entre depressão e suicídio? . *Brazilian Journal of Psychiatry*, 31, S18-S25. <https://doi.org/10.1590/S1516-44462009000500004>
- Chassot, C. S. & Silva, R. A. N. (2018). A Pesquisa-Intervenção Participativa como Estratégia Metodológica: Relato de uma pesquisa em associação. *Psicologia & Sociedade*, 30, e181737. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30181737>.
- Durkheim, E. (2000). O Suicídio: Estudo de Sociologia. (1<sup>a</sup> ed.). Martins Fontes.
- Genovés, F. R., Íntimos e obscenos. *El Catoplebas*, 76, 7-12. Abril, 2008.
- Godoy, A. S. Pesquisa Qualitativa: Tipos fundamentais. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 35, n.3, p. 20-29, Mai./Jun, 1995.

Guareschi, N., Psicologia, formação, políticas e produção em saúde. 1ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

Hoover, C. (2022), As mil partes do meu coração. Rio de Janeiro: Galera Record. p. 2- 336.

Marquetti, F. C., Kawachi, K. T., & Pleffken, C. (2015). O suicídio, interditos, tabus e consequências nas estratégias de prevenção. *Revista Brasileira de Psicologia*, 2(1). Recuperado de <http://revpsi.org/wp-content/uploads/2015/04/Marquetti-KawauchiPleffken-2015-O-suic%C3%A3o-Addio-interditos-tabus-e-consequ%C3%Aancias-nas-estrat%C3%A9gias-depreven%C3%A7%C3%A3o.pdf>

Pereira, M. V. O limiar da experiência estética: contribuições para pensar um percurso de subjetivação. *Pro-Posições*, v. 23, n. 1, p. 183–198, jan. 2012.

Riguini, R. D. ; Ferrari, I. F., Notas sobre o obsceno na literatura: uma leitura Lacaniana na época das imagens. *Psicol. rev.* (Belo Horizonte), Belo Horizonte , v. 24, n. 1, p. 249-262, jan. 2018 .

Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-11682018000100015&lng=pt&nrn=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682018000100015&lng=pt&nrn=iso)>. acessos em 01 fev. 2025. <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2018v24n1p249-262>.

Souza, L. K., Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. *Arq. bras. psicol.*, Rio de Janeiro , v. 71, n. 2, p. 51-67, 2019. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672019000200005&lng=pt&nrn=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672019000200005&lng=pt&nrn=iso)>. acessos em 01 fev. 2025. <https://doi.org/10.36482/1809-5267.ARBP2019v71i2p.51-67>.

## ANEXO A: TRECHOS DA OBRA *OS 13 PORQUÊS*, JAY ASHER

- “Não tomei essa decisão no calor do momento. Não me menosprezem... mais uma vez.” *Hannah B.* - pag. 14
- “Porque talvez pareça um papel pequeno agora, mas é importante. No fim, tudo tem importância. [...] Sei que você não tinha intenção de me magoar. Na verdade, a maioria de vocês, que estão ouvindo as fitas, provavelmente não tinha ideia do que estava fazendo... — do que estava realmente fazendo.” *Hannah B.* - pag. 17
- “Um beijo? Um boato baseado num beijo é responsável por você fazer isso consigo mesma? Não. Um boato baseado num beijo arruinou uma lembrança que eu esperava que fosse especial. Um boato baseado num beijo criou uma reputação. As outras pessoas acreditaram nela e reagiram de acordo com ela. E, às vezes, um boato baseado num beijo tem um efeito bola de neve. Um boato baseado num beijo é só o começo.” *Hannah B.* - pag. 30
- “A lista do Alex era uma brincadeira. Uma brincadeira de mau gosto, é verdade. Mas ele não sabia que afetaria Hannah dessa maneira. Isso não é justo.” *Clay* - pag. 39
- “Sei de quem Hannah está falando agora. Já vi esse seu golpe de segurar o pulso de uma menina antes. Sempre me dá vontade de agarrá-lo pela camisa e empurrá-lo até ele soltar a garota. Mas, em vez disso, todas as vezes finjo que não estou vendendo. O que eu poderia fazer?” *Clay* - pag. 46
- “Tem algumas pessoas doentes e pervertidas nesse mundo, Alex [...] quando você faz alguém se sentir ridículo, você tem de assumir a responsabilidade pela ação de outras pessoas que tomam isso como pretexto.” *Hannah B.* - pag. 48
- “Quase o tempo todo, desde meu primeiro dia no colégio, eu pareço a única pessoa a se importar comigo. Dedique todo o seu coração em busca do primeiro beijo... só para jogarem isso de volta na sua cara. Experimente ver as duas únicas pessoas em quem confia se virarem contra você. Experimente ver uma delas usar você para se vingar da outra e, depois, ser acusada de traição. Estão entendendo agora? Ou será que estou indo depressa demais? Pois bem, continuem me acompanhando! Experimente deixar alguém tirar toda sensação de privacidade ou segurança que você talvez ainda possua. Aí, então, experimente ver alguém usar essa insegurança para satisfazer sua própria curiosidade pervertida. [...] Aí, então, perceba que você está fazendo tempestade em copo d'água.”

Perceba como você se tornou mesquinha. Pode parecer que você não consegue se encaixar nessa cidade. Pode parecer que, toda vez que alguém lhe dá a mão para você se levantar, a pessoa larga e você escorrega mais para o fundo. Mas você tem de parar de ser pessimista, Hannah, e aprender a confiar nas pessoas à sua volta. Então eu faço isso. Mais uma vez [...] E ai... bem... certos pensamentos começam a rondar a mente. Será que conseguirei, alguma vez, assumir o controle da minha vida? Será que sempre serei empurrada e maltratada pelas pessoas em quem confio? [...] Será que minha vida alguma vez vai tomar o rumo que eu quero? [...] No dia seguinte, Marcus, eu tomei uma decisão. Decidi que ia descobrir como as pessoas na escola reagiriam se uma das alunas nunca mais voltasse”

*Hannah B. - pag. 124/125*

- “Passou-se um tempo, e ela disse as palavras que ficaram na minha cabeça durante o resto da noite: — Você não precisa cuidar de mim, Clay. Mas eu precisava, sim, Hannah. E queria. Eu poderia ter ajudado. Mas quando tentei, você me empurrou para longe. Quase posso ouvir a voz de Hannah falando o

*que estou pensando: "Então, por que você não tentou com mais insistência?" Clay - pag. 128*

- “[...] o resultado final poderia muito bem ter sido o mesmo. Ou não. Acho que essa é a questão central. Ninguém sabe ao certo quanto impacto tem na vida dos outros. Muitas vezes não temos noção. Mas forçamos a barra do mesmo jeito.” Hannah B. - pag. 135

- “Ela cortou o cabelo. Na foto no Monet's, o cabelo de Hannah estava comprido. É assim que sempre a vejo em minha mente. Até mesmo agora. Mas não era assim que ela estava no final.” Clay - pag. 136

- “Foi naquela mesa que os piores pensamentos do mundo entraram, pela primeira vez, na minha cabeça. Foi ali que comecei a pensar em... a pensar em... na palavra que ainda não consigo dizer. Sei que você tentou me ajudar a sair daquele estado, Zach. Mas todos nós sabemos que não é por esse motivo que você está nesta fita. Por isso, tenho mais uma pergunta a fazer, antes de continuarmos. Quando vocês tentam ajudar alguém e descobrem que essa pessoa está sem condições de ser ajudada, por que, em algum momento, acabam jogando isso na cara dela?” Hannah B. - pag. 139

- “Por falar nisso, eu cortei o cabelo no mesmo dia em que Marcus Cooley e eu nos encontramos no Rosie's. Nossa! Que estranho. Todos aqueles sinais de alerta que chamam nossa atenção são

verdadeiros. Eu saí direto do Rosie's para cortar o cabelo. Eu precisava mudar alguma coisa, exatamente como dizem, por isso mudei minha aparência. A única coisa que eu ainda podia controlar."

*Hannah B. - pag. 141*

- "Talvez isso não parecesse grande coisa para você, Zach. Mas espero que você compreenda agora. Meu mundo estava ruindo. Eu precisava daqueles bilhetes. Precisava do mínimo de esperança que aqueles bilhetes poderiam ter me dado." *Hannah B. - pag. 142*

- "Não é justo. Se o Zach tivesse alguma noção do que Hannah estava passando, tenho certeza que não roubaria os bilhetes dela." *Clay - pag. 143*

- "[...] no bilhete, eu reconhecia que tinha chegado a um ponto em que qualquer palavra amiga que recebesse seria de grande utilidade. Palavra amiga... que ele roubou. [...] Mas eu não conseguia mais suportar aquilo. [...] Gritei: "Por quê?". No corredor ainda havia alguns alunos. Todos olharam, mas continuaram a andar. Só um parou. E ficou parado, me encarando, enfiando o meu bilhete no bolso traseiro. Gritei as palavras várias vezes. Com as lágrimas escorrendo pelo meu rosto. "Por quê? Por quê, Zach?" (Hannah B.)

*Eu ouvi falar disso. Hannah perdendo a cabeça, sem nenhum motivo aparente, passando vergonha na frente de todo mundo. Eles estavam errados. Havia um motivo." (Clay) - pag. 145*

- "Escrevi um bilhete para a sra. Bradley dizendo o seguinte: "Suicídio. Tenho pensado nisso. Não muito a sério, mas tenho pensado nisso". [...] Por que eu estava escrevendo aquele bilhete? Era mentira. Eu não estava pensando naquilo. Não pra valer. Não em detalhes. O pensamento entrava na minha cabeça e eu mandava ele embora. Mandei ele embora um monte de vezes. [...] Ou, bem no fundo, talvez houvesse algo além disso. Talvez eu quisesse que alguém deduzisse quem havia escrito o bilhete e secretamente viesse me socorrer. Talvez. Eu não sei. Mas tomei cuidado para não me entregar." *Hannah B. - pag. 146/147*

- "Então, o que será que eu queria? Queria, principalmente, escutar o que todos tinham a dizer. Seus pensamentos. Seus sentimentos. E, cara, eles disseram muita coisa... Uma pessoa falou que seria difícil ajudar o fulano sem saber por que ele queria se matar. E eu me segurei para não dizer: "Ou ela. Pode ser uma garota." Aí, os outros começaram a dar suas opiniões. "Se a pessoa se sente sozinha, ela pode almoçar com a gente." "Se estiver com notas ruins, podemos ajudá-la a estudar." "Se estiver com

problemas em casa, talvez pudéssemos.. sei lá... incentivá-la a procurar um psicólogo ou algo assim."

Mas tudo o que eles disseram — tudo! — veio com certo tom de irritação. Até que uma das garotas, cujo nome não interessa, disse o que todo mundo estava pensando. "Parece que a pessoa que escreveu esse bilhete só quer atenção. Se fosse sério, ela teria dito quem é." [...] Na verdade, não sei o que eles poderiam ter dito para me fazer pender para um lado ou para o outro. Talvez eu estivesse apenas sendo egocêntrica. Talvez quisesse apenas chamar atenção. Talvez quisesse apenas ouvir os outros discutirem sobre mim e sobre meus problemas. Ou talvez quisesse que alguém apontasse o dedo para mim e dissesse: "Hannah! Você está pensando em se matar? Por favor, não faça isso, Hannah! Por favor!".

Mas, lá no fundo, a única pessoa dizendo isso era eu. Lá no fundo, essas eram as minhas palavras. No final da aula, a sra. Bradley distribuiu um folheto: "sinais de alerta em um indivíduo suicida". Adivinhem o que estava entre os cinco sinais principais? Mudança de aparência repentina. Puxei as pontas do meu cabelo recém-tosado. Ops. Quem esperaria que eu fosse tão previsível assim?" Hannah

B. - **pag. 147 a 149**

- "Vocês não sabem o que estava se passando no resto da minha vida. Em casa. Nem mesmo na escola. Não sabem o que se passa na vida de ninguém, a não ser na de vocês. E quando estragam alguma parte da vida de uma pessoa, não estão estragando apenas aquela parte. Infelizmente, não dá para ser tão preciso ou seletivo. Quando você estraga uma parte da vida de alguém, você estraga a vida inteira da pessoa. Tudo... é afetado." Hannah B. - **pag. 172**

- "Mas Skye passa agora pelo mesmo trecho do corredor onde vi Hannah se distanciando de mim, duas semanas atrás. Naquele dia, Hannah desapareceu no meio de uma multidão de alunos, deixando que as fitas dissessem adeus por ela. Ainda consigo ouvir os passos de Skye Miller, soando cada vez mais fracos conforme ela se afasta. E eu saio andando na direção dela. [...] A centímetros atrás dela, eu a chamo. — Skye..." Clay - **pag. 244**

## ANEXO B: TRECHOS DA OBRA *AS MIL PARTES DO MEU CORAÇÃO*, COLLEEN HOOVER.

- “Meu pai não reparou, mas já faz algum tempo que não vou à escola e tenho trocado a noite pelo dia.” - pag. 38
- “Moby entra na cozinha e se arrasta à mesa. É bem possível que ele seja a única parte dessa família que me traz alegria, mas é fácil gostar das crianças de 4 anos. Ainda há muito tempo para Moby me decepcionar.” - pag. 43
- “Utah quer ser professor e já tem planejada toda a grade da faculdade. Assim que se formar no ensino médio, daqui a seis meses, ele tem uma folga de dois dias no fim de semana, e começa as aulas na universidade local na segunda-feira seguinte. Honor também se matriculou para começar as aulas dois dias depois da formatura. E eu? Ainda estou me questionando se vou à aula hoje, que dirá à faculdade daqui a seis meses.” - pag. 46
- “Mas me sinto invisível nessa casa na maior parte do tempo e estou curiosa para saber quanto tempo vai levar até alguém reparar que não pronuncio uma palavra que seja. Sei que é meio passivo-agressivo, mas não estou fazendo isso para provar argumento nenhum a eles. Simplesmente é para provar um argumento a mim mesma. Pergunto-me se consigo passar por uma semana inteira. Certa vez vi uma citação que dizia: Não torne sua presença conhecida. Torne sua ausência notada.” Ninguém nessa família nota minha presença ou minha ausência.” - pag. 54
- “Esta manhã, nem finge que ia me preparar para a escola. Ouvi todo mundo no habitual caos matinal dos Vos e fiquei na cama o tempo todo. Estou surpresa que Honor e Utah não tenham contado ao meu pai que venho matando aula nas últimas duas semanas. Eles me perseguiram por isso durante alguns dias, mas depois de perceberem que eu não dava ouvidos, pararam de tocar no assunto. Ninguém bateu na minha porta para perguntar onde eu estava. Nem mesmo meu pai. Será que um dia alguém vai notar se eu fugir? Provavelmente vão notar. Só não vão se incomodar com isso.” - pag. 137
- “— Nem todo erro merece uma consequência. Às vezes a única coisa que ele merece é o perdão. Preciso virar o rosto imediatamente porque esse comentário me atinge como um soco na barriga. Eu queria poder aplicar este raciocínio à minha família, mas não estou certa de ser capaz de tanto perdão.” - pag. 158

- “Baixo o celular. Desligo a luminária e meu quarto fica um breu. Sem janela ou luz do lado de fora, não consigo enxergar nada. É a primeira coisa parecida com paz que tive o dia todo. Será que a morte é assim? Apenas um... nada?” - **pag. 160**
- “A escola toda notaria se Honor deixasse de aparecer. Mas se eu parasse de ir, a vida continuaria. Com ou sem Merit. Na verdade, recebi duas mensagens de amigas da minha turma, perguntando por que não fui à escola por duas semanas. Duas. Só isso. E esse é outro motivo para eu ficar em casa. Porém, por alguma razão, achei que preferia ficar em casa a ir à escola, onde eu não importava, mas não é assim. Detesto isso aqui também. Eu não importo aqui também. Se abandonasse a vida, como abandonei a escola, a vida de todos continuaria. Com ou sem Merit. [...] — Sem Merit — sussurro para ninguém. — Isso vai mostrar a eles. Depois faço o que sei fazer melhor. Ajo sem pensar.” - **pag. 187**
- “Mas as lágrimas começam a escapar dos meus olhos, por maior que seja a força que faça para fechá-los. Meu lábio inferior treme mais do que minhas mãos. Eu não quero morrer. Abraço-me com mais força. Não sei o que vai acontecer. E se for pior do que isso? Meu choro temeroso se transforma em um soluço. Fecho a boca com a mão. — Não, não, não. — Minha voz é cheia de pânico quando a ficha do que acabei de fazer começa a cair.” - **pag. 189**
- “Ele [Sagan] coloca meu cabelo. para trás e parece sentir um pânico igual ao do meu pai. Ao de Utah. De Victoria. De Luck. Até Moby parece estar em pânico, com os braços agarrados ao pescoço da mãe.” - **pag. 192**
- “A todo instante Sagan procurava saber como eu estava. Não sei quanto tempo vou levar para convencê-lo de que essa noite foi uma casualidade. Não sou uma suicida — eu estava bêbada. Fiz uma idiotice muito grande e agora ele acha que estou no banho tentando tramar um jeito de me matar.” - **pag. 200**
- “[...] Mas fico empacada naquela palavra. Perspectiva. Faz com que eu me pergunte se vejo as coisas só de um ponto de vista. Tenho a tendência a pensar que muita gente está errada, em grande parte do tempo.” - **pag. 207**
- “— Você insiste em menosprezar o que aconteceu ontem a noite e, para falar a verdade, é meio ofensivo — diz ele. - Não é você quem decide o que sua vida significa para os outros. — Ele tira as

*mãos dos bolsos e cruza sobre o peito. — Você podia ter morrido, Merit. E isso é muito sério. E até que reconheça o fato,*

*não quero ter nada com você. Acho que há muito em você que precisa ser tratado e não quero ofuscar isso com o que está acontecendo agora. — Ele faz um gesto entre nós. — A gente pode esperar. [...] — Só acho que primeiro você precisa cuidar de si mesma. Aceite a sugestão do seu pai em fazer terapia. Cuidar para que não aconteça nada mais grave.”* - pag. 234

- “*Olho a lista com um nó no estômago. Minhas mãos tremem enquanto percebo que não deixo de marcar um só quadradinho. [...] lista idiota. Não é diferente de nenhum outro checklist de sintomas da internet que levam as pessoas a acreditar falsamente que sofrem de alguma doença horrível.*” - pag. 246

**246**

● “*Acho que todos nós chegamos ao ponto em que esperávamos que alguém tomasse a iniciativa, mas ninguém jamais tomou. Talvez essa seja a origem de muitos problemas da minha família. Não são os problemas com que as pessoas ficam obcecadas por tanto tempo. É que ninguém tem a coragem de dar o primeiro passo para falar desses problemas.*” - pag. 294

● “*— Ter depressão não está mais fora do seu controle do que a intolerância a leite de Sagan, a pele clara de Utah e a visão ruim de Honor. Não há nada de constrangedor nisso. Mas não é uma coisa que você possa ignorar ou corrigir sozinha. E não faz de você uma anormal. Faz de você uma pessoa tão normal quanto esses idiotas.* — Ele gesticula para todos os outros.” - pag. 310/311

● “[...] Suas emoções e reações são legítimas, Merit. Não deixe que ninguém lhe diga outra coisa.

*Você é a única que as sente.”* - pag. 315

● “*— Todos nós vamos fazer terapia. Viro-me para ele. — Todos nós? Ele assente.*

*- Eu, você, Honor, Utah, Victoria.* — Ele baixa a xícara de café. — *Acho que temos um atraso de alguns anos. Sorrio, porque fico aliviada. Muito aliviada. Eu já havia decidido que ia fazer terapia, principalmente depois daquela folha de papel idiota amassada no chão do meu quarto e da conversa brega que aconteceu noite passada. Mas pensei mesmo que era meio injusto que não exigissem que mais ninguém nessa família fizesse também. Meu pai tem razão. Essa família tem anos de atraso.”* - pag. 318/319

## **COMPORTAMENTO SUICIDA NA ESCOLA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM CURSO DE PREVENÇÃO E INTERVENÇÃO.**

### **RESUMO**

O suicídio é um grave problema de saúde pública, com índices de mortalidade elevados entre adolescentes. Enquanto em outros países há uma diminuição desses índices, no Brasil observa-se um aumento. Para enfrentar essa questão, foi desenvolvido um curso voltado para profissionais da educação. O presente artigo é um relato de experiência do curso *Comportamento suicida na escola: prevenção e intervenção*, que teve o objetivo de abordar o tema do suicídio e capacitar os participantes a desenvolverem estratégias de intervenção e prevenção. O método utilizado foi a análise narrativa. O curso obteve resultados positivos, de modo que os profissionais afirmaram que, ao final, conseguiram perceber o suicídio para além de sua carga emocional, sentindo-se mais preparados para identificar, intervir e prevenir tais situações.

**Palavras-chave:** Suicídio; Escola; Profissionais.

### **ABSTRACT**

Suicide is a serious public health problem, with high mortality rates among adolescents. While in other countries there has been a decrease in these rates, in Brazil there has been an increase. To address this issue, a course aimed at education professionals was developed. This article is a report on the experience of the course Suicidal behavior in schools: prevention and intervention, which aimed to address the issue of suicide and train participants to develop intervention and prevention strategies. The method used was narrative analysis. The course achieved positive results, so that professionals stated that, at the end, they were able to perceive suicide beyond its emotional burden, feeling more prepared to identify, intervene and prevent such situations.

**Keywords:** Suicide; School; Professionals.

## INTRODUÇÃO

A palavra suicídio foi vista pela primeira vez na obra do médico inglês Thomas Browne (1605-1682), *Religio Medici*, ou *A Religião de um Médico*, (1643), publicada em Londres. Até então, o fato de uma pessoa atentar contra a própria vida era designado - em latim - *felo de ser*, ou “criminoso de si mesmo”. Na obra, Browne aborda o suicídio do personagem Catão, O Jovem, e distingue duas formas de suicídio, um “heróico” e outro “patológico”. Inicialmente, o suicídio não era visto com o horror que é percebido atualmente, contudo, desde sempre houveram discussões acerca das motivações e causas do suicídio (Bertolote, 2013).

Demarcar uma única causa para o comportamento suicida parece uma tarefa impossível, considerando a compreensão do ato como multifatorial mais acertada. O suicídio é resultado do que seriam vários fatores em interação, no qual as causas não são independentes entre si, mas sim associadas em um todo coeso (Teixeira, 2001).

O comportamento suicida pode ser dividido em três etapas: ideação suicida, tentativa de suicídio e suicídio consumado. A ideação suicida é o que podemos considerar como o primeiro passo, é um indicativo de risco que abre espaço para uma intervenção que vise a prevenção. Geralmente, o indivíduo que tentou suicídio, emitiu anteriormente algum comportamento que sinalizou a ideação, de modo que, é necessário atenção e sensibilidade para identificar tais comportamentos (Braga & Dell'Aglio, 2013).

A portaria nº 2.542, de 22 de dezembro de 2005, apontou o suicídio como um problema de saúde pública, que afeta toda a sociedade e que pode ser prevenido. Além disto, o documento observa o aumento na frequência do comportamento suicida entre jovens entre 15 e 25 anos. De acordo com o Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde (Brasil, Ministério da Saúde, 2022), ocorreram 6.588 mortes por suicídio, entre 2016 e 2021, de adolescentes entre 10 e 19 anos, sinalizando ainda que, em uma comparação a nível global, se nota uma tendência a diminuição do suicídio na adolescência nos diversos países, ao passo que no Brasil o indicativo é um aumento dos suicídios de adolescentes (Brasil, Ministério da Saúde, 2022).

O índice elevado entre os adolescentes pode ser atribuído à dificuldade em enfrentar as exigências sociais e psicológicas que se apresentam nessa fase da vida. As demandas sociais,

contextuais e situacionais passam a ser uma carga a mais, podendo resultar em comportamentos suicidas (Braga & dell'Aglio, 2013).

No mundo contemporâneo, em geral, o suicídio é percebido como uma transgressão, sendo considerado um ato de covardia e egoísmo, definindo as pessoas que apresentam comportamento suicida como não merecedoras de integrar a sociedade. A sociedade especula e busca causas, na mesma proporção que se isenta da responsabilidade perante ao ato, há curiosidade sobre o tema, ao mesmo tempo que há um distanciamento proposital. Logo, o enigma em torno do comportamento suicida aumenta, e o suicídio é considerado um tabu (Carlos & D'Agord, 2016).

Marquetti *et al.* (2015) apontam ainda que o tabu que cerca o suicídio impede que o que se denomina “*percurso suicida*” seja percebido com a devida atenção. Esse percurso é tudo que se apresenta entre ideação e tentativa, são os sinais de alerta e os fatores de risco que podem ser observados e identificados quando a realidade do suicídio é aceita, ou seja, quando há a compreensão de que o suicídio não só acontece, mas acontece por perto, e toda a sociedade tem responsabilidade evidente na prevenção. Os sinais que o indivíduo com ideação demonstra antes de cometer o ato em si, podem ser:

Mudanças bruscas no comportamento relacionado aos cuidados com a higiene, distanciamento da família e amigos, perda do interesse por atividades usuais, diminuição da capacidade de concentração, uso de drogas lícitas e ilícitas, brincadeiras sobre o suicídio.” (p. 30).

Dada a importância de perceber o percurso suicida citado anteriormente, e promover prevenção e intervenções eficazes, o aprofundamento do assunto em espaços educativos se mostra uma necessidade. A escola como política pública visa atender às necessidades da população e se apresenta como espaço que serve de palco para processos intervencionistas no que diz respeito à forma como se pensa e se assimilam temáticas específicas. Considerando os índices de morte por suicídio entre jovens em idade escolar, o trabalho de informar e capacitar os profissionais da educação é de extrema relevância, pois são esses profissionais que, além de passar boa parte do tempo com o público afetado, também exercem grande influência sobre estes.

Neste sentido, um curso foi realizado, pretendendo reforçar a ideia de que criar espaços de diálogo sobre o suicídio gera esclarecimentos e assim diminui a carga de pré-conceitos que o tema

carrega - o que o coloca à margem das discussões sociais e impede o desenvolvimento de intervenções efetivas.

Desenvolver o diálogo com profissionais da educação e levar informação a este público, prevê a construção de uma escola mais humana, que considere a saúde mental como prioridade e onde a pedagogia da presença seja uma constante. Uma escola assim caracterizada possibilita que os jovens alunos se sintam confortáveis para se expressar e sejam acolhidos diante das suas demandas.

Partindo dos pressupostos acima apresentados, o curso teve como objetivos: Abordar o tema do suicídio, trabalhando o que é real e o que se configura como mito; Promover autorreflexão acerca de como cada sujeito participante vivencia a vulnerabilidade; Discutir ações já desenvolvidas pelos profissionais e pensar em possibilidades de melhorias voltadas para o cuidado com todo o grupo de estudantes e não somente os vulneráveis, pensando assim em prevenção; Debater acerca de situações-problema (fictícias) possibilitando que o grupo crie estratégias interventivas dentro da escola.

## **METODOLOGIA**

O método utilizado foi a análise narrativa, considerando que os significados sociais se produzem a partir de construção ativa dos agentes sociais. Essa análise se mostrou útil por promover diálogo entre diferentes áreas de saber e contextos sociais, bem como por reverberar entendimento do discurso narrativo como prática social constitutiva da realidade (Bastos & Biar, 2015).

Na condução do curso, o principal ponto foi a discussão sobre o suicídio e os contextos e causas que o envolvem, visando a construção coletiva de ações que pretendem a prevenção e possíveis intervenções em casos de ideação suicida que se apresentam dentro da escola.

A instituição escolhida para receber o curso foi a escola estadual do Ceará, de ensino médio, José Cláudio de Araújo, localizada em Mucambo/CE, que conta com professores diretores de turma encarregados da tutoria dos estudantes, bem como da orientação e acolhimento destes por meio da escuta ativa. Tendo em vista estas funções, os professores diretores de turma, juntamente com os coordenadores, foram o público-alvo do curso, totalizando 12 participantes.

O curso teve carga horária total de 20 horas, sendo que destas, 10 horas foram divididas em 05 encontros síncronos (02 horas de duração cada) e as outras 10 horas foram reservadas para estudos e

leituras dos materiais de forma assíncrona. Os 05 encontros foram semanais e tiveram início em 02 de abril de 2024. O último encontro aconteceu em 30 de abril de 2024.

O primeiro encontro teve como tema central a diferenciação de mitos e verdades acerca do suicídio, após a apresentação do curso e de seus objetivos, a facilitadora iniciou a exposição, por mídia audiovisual, de afirmações sobre o comportamento suicida para que os participantes as identificassem como um mito ou uma verdade, das quais: “Apenas pessoas com transtornos mentais tem comportamento suicida.”; “Apoio emocional sempre ajuda! Encaminhar ou buscar um profissional capacitado ajuda ainda mais. Não são todos, mas a maioria dos casos pode ser prevenido.”; “Quem fala em suicídio só quer chamar a atenção.”; “Quem planeja se matar está determinado a morrer.”; “É comum perceber, na maioria dos casos, que a pessoa estava alertando ou pedindo ajuda de alguma forma antes de tentar cometer suicídio.”; e “Falar sobre suicídio aumenta os riscos.”.

A discussão foi rica e dinâmica, os participantes compartilharam experiências pessoais e profissionais, tanto com as dificuldades que percebem em si ao se ver lidando com possíveis situações de alerta para o suicídio, como com exemplos de situações que os desafiaram no trabalho. A facilitadora também apresentou exemplos de situações vivenciadas em sua prática como Orientadora Educacional nas escolas, nestes momentos os participantes reconheceram muitas experiências que também faziam parte de suas vivências profissionais.

A discussão também levantou a pauta da necessidade do apoio da família para lidar com as situações que se apresentam no contexto escolar, posto que a escola não conseguirá resolver todos os problemas do aluno sem o suporte familiar. Mais um ponto abordado foi a dificuldade de estar presente para os alunos quando o profissional não está bem ou quando não se sente capacitado para isso, nesse momento os profissionais compartilharam experiências pessoais e estratégias para contornar acontecimentos difíceis, bem como foram acolhidos pela facilitadora.

Por fim, alguns sinais de alerta foram apresentados: “Falta de esperança”; “Apatia”; “Diminuição ou ausência de autocuidado”; “Expressões de ideias ou de intenções suicidas”; “Uso abusivo de álcool e/ou outras drogas”; “Isolamento”; “Mudanças de hábitos alimentares e/ou do sono”; “Autoagressão”; “Alterações dos níveis de atividade e/ou de humor”; e “Diminuição do rendimento escolar”. Os participantes reconheceram alguns sinais em parte dos estudantes da escola em que atuam.

E para encerrar, alguns serviços que podem ser acionados na região, havendo a necessidade, foram apresentados. O material de apoio do primeiro encontro foi o Guia Intersetorial de Prevenção do Comportamento Suicida: Em crianças e adolescentes (2019).

O segundo encontro abordou a teoria da autora Brené Brown acerca das vulnerabilidades, tendo por base o livro da mesma “*A coragem de ser imperfeito*” (2016). Iniciando com o conceito de vulnerabilidade exposto no livro: “*Vulnerabilidade não é conhecer vitória ou derrota; é compreender a necessidade de ambas, é se envolver, se entregar por inteiro.*”, e considerando a necessidade de cuidar de si para conseguir cuidar do outro, essa parte do curso foi voltada para o autoconhecimento dos profissionais. O conceito de pessoa plena pensado por Brown (2016) afirma que a pessoa plena é aquela que cultiva autenticidade, autocompaixão, espírito flexível, gratidão e alegria, intuição e fé, criatividade, lazer e descanso, calma e tranquilidade, tarefas relevantes e risadas, música e dança. Os profissionais foram convidados a refletir sobre quais dessas características possuíam e quais não, essa discussão tomou um tempo considerável, pois os participantes abordaram de forma aprofundada cada característica, debatendo e usando exemplos pessoais para se identificar ou não com tais características, enriquecendo a vivência do curso.

No terceiro encontro, o material base foi o livro “*Os 13 porquês*” de Jay Asher (2009), sobre o qual a discussão objetivou criar estratégias de intervenção e prevenção, ponderando sobre as situações fictícias que o livro apresenta e as situações reais que os profissionais enfrentam na própria realidade profissional. As competências socioemocionais (assertividade, empatia e respeito) também foram abordadas na terceira aula do curso, mais especificamente como as competências podem auxiliar nos processos de prevenção. E enfim, as estratégias que possibilitam intervenção e prevenção: escuta ativa, matriciamento, acolhimento, diálogo e atenção.

O quarto encontro trouxe uma atividade prática, em que os participantes se dividiram em trios e produziram planos de ação para situações-problema fictícias propostas pela facilitadora, e no quinto e último encontro ocorreu a apresentação dos planos e encerramento do curso. As apresentações, que foram significativas, confirmaram o que foi percebido durante o decorrer dos encontros: os participantes estavam determinados a entender e aprender sobre o tema para conseguir realizar intervenções eficazes para ajudar os alunos que estão sob suas responsabilidades. Para encerrar foi

realizado um momento em que os participantes pudessem dar feedback para a facilitadora. Os feedbacks foram todos positivos, todos os participantes alegaram ter compreendido e se envolvido com as discussões, bem como sentiram a carga sobre a temática diminuir, de modo que agora conseguem pensar em suicídio sem o medo pelos tabus que cercam o tema, e com consciência de que a prevenção e intervenções pontuais podem realmente ser feitas e evitar o fim trágico.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O curso se propôs a discutir sobre a temática do suicídio, indicando a necessidade de profissionais capacitados para conduzir debates com a atenção e o cuidado que o tema exige. Os diálogos sobre suicídio são escassos, especialmente quando não se está no mês de setembro, na campanha Setembro Amarelo. Logo, o curso em questão se apresenta como uma possibilidade de gerar espaços de diálogo ao longo de todo o ano, trabalhando diretamente com os profissionais que estão na linha de frente com o grupo de jovens em idade escolar, que estão presentes nos elevados índices de ideação, tentativas e suicídio consumado.

A pauta sobre mitos e verdades levou a uma discussão interessante. Os participantes conseguiram identificar o que era mito e o que era verdade, contudo houve dúvida em três tópicos. Quando foi afirmado que “É comum perceber, na maioria dos casos, que a pessoa estava alertando ou pedindo ajuda de alguma forma antes de tentar cometer suicídio.”, os participantes não conseguiram identificar se era mito ou verdade alegando a dificuldade que sentem em perceber os sinais, mas reconhecendo que após a notícia da tentativa ou do suicídio consumado, os sinais se tornam óbvios. A partir dos argumentos expostos, o conceito de *percurso suicida*, de Marquetti (2015) foi apresentado para gerar reflexão acerca da necessidade de quebrar os tabus que cercam o suicídio e impedem a sociedade de reconhecê-lo como uma realidade sobre a qual todos somos responsáveis.

A afirmação “Quem fala em suicídio só quer chamar a atenção.” também foi um ponto de debate, em que a facilitadora redirecionou o foco para o significado da palavra “atenção”. A afirmação é tida como mito, pois o significado da palavra é considerado negativo, porém, se nos detivermos a uma análise mais profunda podemos considerar que a afirmação é uma verdade, e que a “atenção” que é exigida pelo indivíduo em sofrimento é necessária. Considerando a importância da empatia e do

acolhimento, o indivíduo em sofrimento precisa que alguma atenção seja dada a sua dor para que o suporte necessário seja concedido.

A afirmação “Falar sobre suicídio aumenta os riscos.” foi considerada verdade pela maioria dos participantes, e os que não a consideraram verdade também não a colocaram como mito. A facilitadora então esclareceu que se tratava de um mito, e a partir de então os questionamentos surgiram, pois o efeito de imitação associado a uma notícia sobre suicídio é real. Os argumentos da facilitadora foram baseados, primeiro, na forma como são feitas as falas sobre suicídio e, em segundo, por quem são feitas. Pontuou ainda um conteúdo que seria abordado apenas na terceira aula do curso: as competências socioemocionais necessárias para prevenção e intervenção, bem como as parcerias com serviços de saúde e profissionais capacitados que podem e devem dar apoio à comunidade escolar.

A aula seguinte trouxe o tema *Vulnerabilidades*, segundo Brené Brown (2016), e os participantes demonstraram bastante interesse no que foi exposto, principalmente no conceito de Pessoa Plena, sobre o qual foi feito um *checklist* pessoal do que cada um tem ou ainda precisa desenvolver para ser uma pessoa considerada plena, segundo a autora. Houve compartilhamento de experiências positivas e negativas, com acolhimento e sugestões de estratégias por parte de todo o grupo. De todo o curso, foi a única aula que não seguiu todo o plano feito pela facilitadora, mas atingiu o objetivo da mesma forma.

Da terceira aula em diante temos a parte prática do curso, em que os participantes foram convidados a pensar em estratégias de prevenção e intervenção. Antes de construir as estratégias, a facilitadora explanou sobre as competências socioemocionais e a importância destas para se construir um ambiente favorável para a prevenção. As Competências Socioemocionais já integram o currículo das aulas da referida escola e na discussão feita no curso, os professores apontaram perceber a utilidade para além da simples exposição de conceitos em sala de aula.

O desenvolvimento de estratégias em situações fictícias pretendia ser feito de forma individual e oral, a facilitadora apresentou cenas do livro “*Os 13 porquês*”, de Jay Asher (2009), e os participantes iriam sugerir intervenções, contudo, eles apresentaram dificuldade no exercício e a facilitadora teve que sugerir possibilidades. No encontro seguinte, o exercício continuou, porém em trios, e de forma escrita. A facilitadora propôs a construção de planos de ação para situações-problema

também fictícias, com contextos que iam de um aluno chorando em sala de aula, passando por um aluno com conflitos familiares, até uma tentativa de suicídio no banheiro da escola.

No último encontro, os trios apresentaram os planos de ação e demonstraram tanto sensibilidade na condução das ações como segurança de que estavam executando uma estratégia eficaz. Ao final das apresentações, os participantes verbalizaram o que a facilitadora desconfiou, mas só obteve a confirmação a partir do feedback: quando eles precisaram resolver o problema individualmente se sentiram inseguros em tomar decisões e propor ações, contudo, a partir do momento que construíram as estratégias em equipe, se sentiram mais confortáveis por ter um grupo alinhado com o mesmo propósito.

Ressalto que os profissionais participantes do curso trabalham na mesma instituição escolar, e compartilham os mesmos desafios dentro da realidade em que estão inseridos. Logo, sentir-se confortável com a equipe, para o desenvolvimento de estratégias sobre um tema tão delicado é fundamental. É necessário aos integrantes de um grupo estarem focados em um mesmo objetivo para que ele seja atingido com eficácia e precisão.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A ação foi positiva, de modo que atendeu aos objetivos iniciais. Foi possível abordar o tema do suicídio, trabalhando o que é real e o que se configura como mito, de modo a levar a reflexão e compreensão significativa do tema. A autorreflexão acerca de como cada sujeito participante vivencia sua vulnerabilidade contribuiu para incentivar a empatia tanto entre os profissionais como dos profissionais com os alunos. Ao compartilhar entre si as ações já desenvolvidas, os profissionais desenvolveram um sistema de apoio mútuo, e pensar em possibilidades de melhorias voltadas para o cuidado com todo o grupo de estudantes e não somente os vulneráveis, se mostrou como uma construção coletiva indicando eficácia na prevenção e em possíveis intervenções.

A longo prazo, o intuito do curso foi desenvolver a possibilidade de um trabalho contínuo de cuidado e prevenção dentro da escola. E a partir da ação aqui relatada a facilitadora criou o projeto “Emoção em Ação”, em que realiza encontros semanais com os professores das escolas em que atua como Orientadora Educacional e discute sobre temáticas que perpassam suas vivências. As escolas são públicas, de rede municipal e atendem ensino fundamental I e II. Os temas são variados, considerando tanto o cuidado com o profissional, como a discussão de estratégias para intervir com os grupos de

alunos. Dentre os temas estão: prevenção ao suicídio, combate ao bullying, comunicação não-violenta, síndrome de burnout, transtorno de ansiedade e inteligência emocional.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

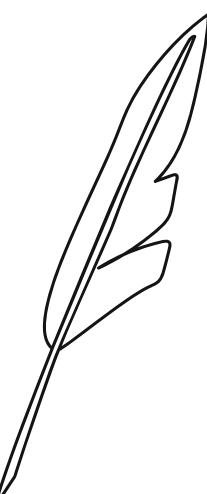
- Asher, J. (2009). Os 13 porquês. São Paulo: Editora Ática. p. 5-256
- Bastos, L.C. e Biar, L.A. (2015) . Análise de narrativa e práticas de compreensão da vida social. DELTA , 31 (31).
- Braga, L. L. & Dell'Aglio, D. D. Suicídio na adolescência: fatores de risco, depressão e gênero. Contextos Clínic, São Leopoldo , v. 6, n. 1, p. 2-14, jun. 2013 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S198334822013000100002&lng=pt&nrn=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198334822013000100002&lng=pt&nrn=iso)>.acesso em 01 fev. 2025. <https://doi.org/10.4013/ctc.2013.61.01>.
- Brasil. Ministério da Saúde. (2005). Gabinete do Ministro. Portaria nº 2.542, de 22 de dezembro de 2005, Brasília.
- Brasil. Ministério da Saúde (2022). Boletim Epidemiológico, v. 53, n. 37. Suicídio em adolescentes no Brasil, 2016 a 2021, (p. 17 - 27).
- Bertolote, J. M. (2013). Suicídio: território do livre-arbítrio ou da doença mental?. Rev. Simbio-Logias, São Paulo, v. 6, n. 8, p. 122-128, nov.
- Brown, B. (2016). A coragem de ser imperfeito. 1<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Sextante.
- Carlos, F. P. & D'Agord, M. R. L. O lugar obsceno do suicídio. Rev. latinoam. psicopatol. fundam., São Paulo , v. 19, n. 1, p. 43-56, Mar. 2016.
- Comissão da Criança e do Adolescente (2019). Rio Grande do Sul. Comitê Estadual de Promoção da Vida e Prevenção do Suicídio. Guia Intersetorial de Prevenção do Comportamento Suicida: Em Crianças e Adolescentes. 1 ed. Rio Grande do Sul:[s.n.] 36 p.
- Marquetti, F. C., Kawachi, K. T., & Pleffken, C. (2015). O suicídio, interditos, tabus e consequências nas estratégias de prevenção. Revista Brasileira de Psicologia, 2(1). Recuperado de <http://revpsi.org/wp-content/uploads/2015/04/Marquetti-KawachiPleffken-2015-O-suic%C3%A3o-Addio-interditos-tabus-e-consequ%C3%Aancias-nas-estrat%C3%A9gias-depreven%C3%A7%C3%A3o.pdf>.
- Teixeira, C. M. F. S. (2001). A escola como espaço de prevenção ao suicídio de adolescentes – relato de experiência. Curso ministrado no X Simpósio de Estudos e Pesquisas da Faculdade de Educação da UFG – Goiânia (GO)



# *Cartilha*

*Prevenção ao suicídio:  
A LITERATURA COMO  
RECURSO INTERVENTIVO.*

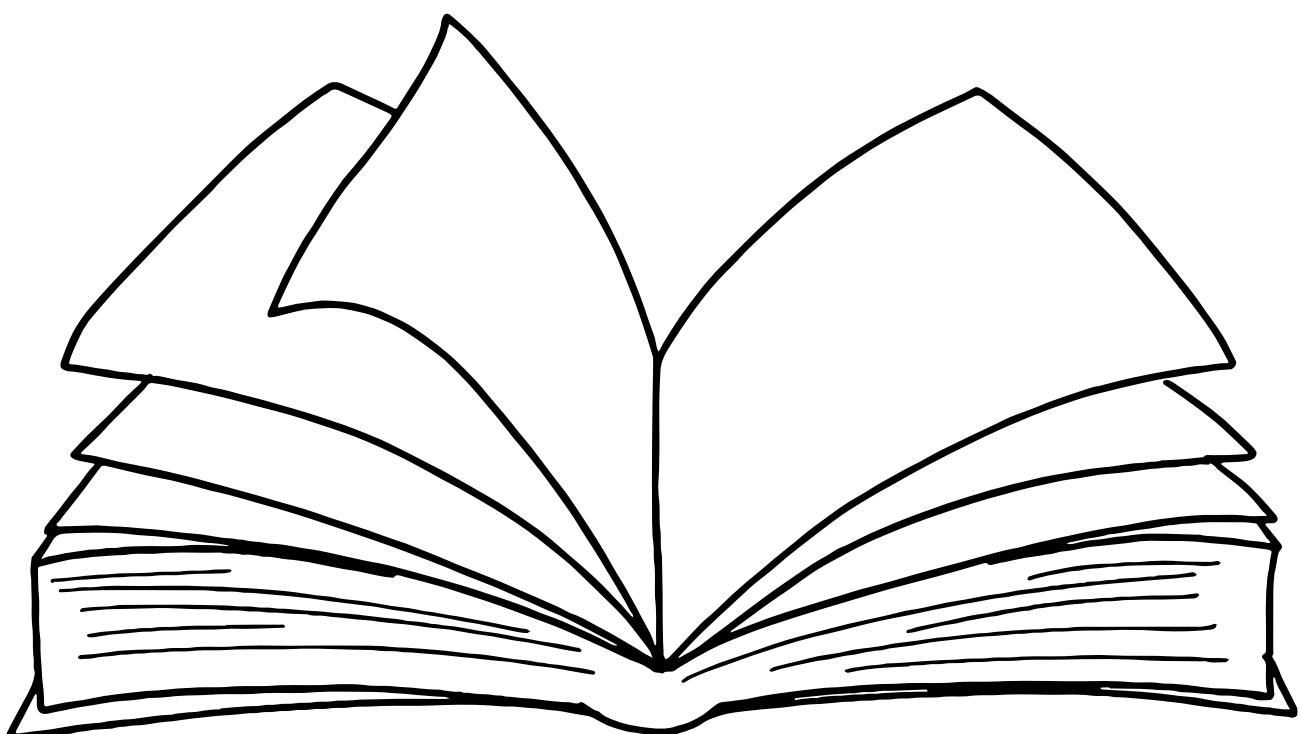
*Vállery Rodrigues da Costa*





# SUMÁRIO

1. Objetivos -----	03
2. Introdução -----	04
3. Comportamento Suicida -----	05
4. Alerta -----	06
5. Os livros...-----	07
6. Detalhando as etapas-----	08
7. Sugestões de obras literárias-----	10
8. Dicas práticas -----	11
9. Onde buscar ajuda -----	12
10. Referências -----	13





# OBJETIVOS

Tornar acessível à psicólogos escolares e orientadores educacionais com formação em psicologia, estratégias e dicas que possibilitem a replicabilidade de uma ação em que as obras literárias funcionaram como recurso intervencivo visando a sensibilização dos jovens e a possível prevenção do suicídio entre esse público.



# INTRODUÇÃO

O suicídio, foi proposto como um problema de saúde pública pela portaria nº 2.542, de 22 de dezembro de 2005, que considera o suicídio como um problema que afeta toda a sociedade e que pode ser prevenido.



*Para combater o aumento desses números, vamos recorrer aos livros! A literatura pode funcionar como meio de desenvolver discussões a respeito do suicídio com jovens em idade escolar.*

*Essas discussões podem desencadear formas de prevenção, mas também podem ativar gatilhos. Por isso é importante que o profissional que vai conduzir a prática esteja apto a acolher qualquer demanda que se apresente.*

# COMPORTAMENTO SUICIDA

## 3 CATEGORIAS:

Ideação suicida;  
Tentativa de suicídio;  
Suicídio consumado.

## SINAIS DE ALERTA:

Desesperança;  
Apatia;  
Autoagressão;  
Isolamento;  
Mudança de humor;  
etc.

## FATORES DE RISCO:

Bullying;  
Exposição a violência;  
Abuso de álcool e drogas;  
Transtornos mentais;  
Rede de apoio deficitária;  
etc.

# ALERTA



Da ideação suicida até o suicídio consumado há um tempo em que é possível fazer a intervenção e evitar o suicídio!



COMO?



Identificando os  
sinais de alerta e  
criando espaços de  
acolhimento e  
escuta.

# Os livros...

... são úteis aqui como a ferramenta que irá mediar o diálogo sobre suicídio, em discussões conduzidas por profissionais capacitados, visando a consequente prevenção a partir da compreensão da complexidade do suicídio e do acolhimento entre os pares. Segue o **passo-a-passo** da ação:

1

**Escolha uma obra literária;**

2

**Organize a logística da ação;**

3

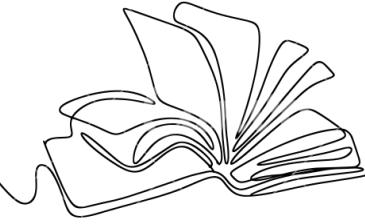
**Selecione o grupo ou abra para participação voluntária;**

4

**Garanta o apoio dos serviços que possam ser necessários;**

5

**Dê início a ação e abrace as demandas.**



# *Detalhando as etapas*

1

## **Escolha uma obra literária:**

Considerando que o público alvo da ação são adolescentes, a escolha da obra literária que servirá de ferramenta deve ser interessante a este público.

Entre os jovens há algo que denominei “*fascínio pelo mistério trágico*”, que aponta a nítida curiosidade sobre contextos, causas, hipóteses, sinais de alerta, e tudo que envolve o suicídio. Contudo, isso acontece diante da tragédia, a emoção que o trágico causa leva ao interesse e ao envolvimento.

2

## **Organize a logística da ação:**

Nessa etapa é importante considerar a rotina da instituição onde você irá atuar, se adeque aos horários desta, facilitando a adesão dos participantes que já estarão no espaço, pois é importante considerar que quando uma atividade demanda muito esforço para participação, a probabilidade de pouca adesão é alta. Outro fator importante aqui é o tempo, garanta que vai haver tempo para discutir tudo o que os participantes julgarem necessário, e saiba que até que a discussão engrene pode demorar. Considerando que a leitura da obra escolhida se dará em encontros pontuais, reserve de 2 a 3 desses encontros para criação de vínculo com seu grupo, assim quando a discussão enfim iniciar, eles estarão mais confortáveis para opinar. Seja flexível com o tempo entre um encontro e outro e com a quantidade de encontros.

3

### **Selecione o grupo ou abra para participação voluntária:**

As duas opções são válidas, a diferença é que na escolha do grupo você poderá ter maior controle sobre o que as discussões vão apresentar. Com os voluntários você tem um grupo mais misto, contudo, corre o risco de os participantes não se sentirem totalmente a vontade uns com os outros. É interessante que o número de participantes esteja entre 5 e 10, para que seja possível ter perspectivas diferentes nas discussões, ao mesmo tempo que você consiga acolher todas as demandas.

4

### **Garanta o apoio dos serviços que possam ser necessários:**

É importante garantir o suporte dos demais serviços como CSF e CRAS. Considerando a ação acontecendo em uma escola com profissional em psicologia, ainda se faz necessário psicólogo clínico e assistência social. As demandas que podem surgir a partir das discussões são inúmeras e é interessante que tanto o profissional conduzindo, como a equipe da instituição estejam preparados para acolher e cuidar do que for, e da forma como for necessário.

5

### **Dê início a ação e abrace as demandas:**

Com a ação iniciada seja flexível e esteja aberto ao que você irá encontrar, tenha em mente que muitas defesas emocionais podem se apresentar e com isso a dificuldade em fazer com que as falas pretendidas cheguem nos jovens será uma constante. Seja paciente, profissional e acessível. E mais importante, deixe que eles conduzam o discurso, seja mediador e intervenha quando necessário, mas permita que o espaço seja dos participantes.

# SUGESTÕES

## *obras literárias*



» Os 13 porquês - Jay Asher

» A biblioteca da meia-noite - Matt Haig

» As mil partes do meu coração - Colleen Hoover

» Quem é você, Alasca? - John Green

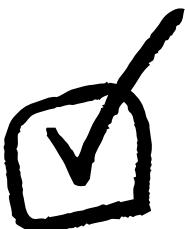
» Cartas de amor aos mortos - Ava Dellaira

» As vantagens de ser invisível - Stephen Chbosky

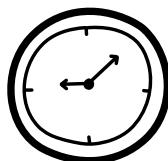
» Por Lugares incríveis - Jennifer Niven

# DICAS PRÁTICAS

*para os profissionais*



Faça uma autoanálise para se certificar de que você está apto para acolher as demandas que possam surgir dessa ação.



Separe um tempo na sua rotina para absorver e refletir acerca das demandas que se apresentarem.



Estabeleça limites entre vida pessoal e profissional. Evitando que as demandas externas misturem-se as suas.



Converse com colegas de trabalho e forme mais profissionais que possam auxiliar no acolhimento das demandas.



Se perceber desgaste emocional ou demanda além da sua capacidade, busque ajuda. Seja para você, ou para os indivíduos participantes.



Esteja aberto a desfechos inesperados e discussões diferentes da que você espera.

# Onde buscar ajuda?



CAPS e Unidades Básicas de Saúde (Saúde da família, Postos e Centros de Saúde);

UPA 24H, SAMU 192, Pronto Socorro; Hospitais;

Centro de Valorização da Vida – 188 (ligação gratuita)

## ORGANIZAÇÃO:

Vállery Rodrigues da Costa  
Psicóloga. CRP 11/13797  
vallerycosta18@gmail.com

Universidade Federal do Ceará  
*Campus Sobral*  
2025

# REFERÊNCIAS:

- Asher, J. (2009). *Os 13 porquês* (R. Barcellos, Trad.). Ática.
- Braga, L. de L., & Dell'Aglio, D. D. (2013). Suicídio na adolescência: Fatores de risco, depressão e gênero. *Contextos Clínicos*, 6(1), 2–14. <https://doi.org/10.4013/ctc.2013.61.01>
- Brasil. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. (2005, 22 de dezembro). Portaria nº 2.542, de 22 de dezembro de 2005. Brasília, DF.
- Brasil. Ministério da Saúde. (2022). Suicídio em adolescentes no Brasil, 2016 a 2021: Boletim Epidemiológico (Vol. 53, No. 37).
- Chbosky, S. (2007). *As vantagens de ser invisível* (L. M. Azevedo, Trad.). Rocco.
- Comissão da Criança e do Adolescente (RS), Comitê Estadual de Promoção da Vida e Prevenção do Suicídio. (2019). *Guia intersetorial de prevenção do comportamento suicida em crianças e adolescentes* (1. ed.). [s.n.].
- Dellaira, A. (2014). *Cartas de amor aos mortos* (A. B. Lima, Trad.). Seguinte.
- Green, J. (2010). *Quem é você, Alasca?* (R. Zahar, Trad.). Martins Fontes.
- Haig, M. (2021). *A biblioteca da meia-noite* (A. Campos, Trad.). Bertrand Brasil.
- Hoover, C. (2018). *As mil partes do meu coração* (P. Machado, Trad.). Galera Record.
- Marquetti, F. C., Kawauchi, K. T., & Pleffken, C. (2015). O suicídio, interditos, tabus e consequências nas estratégias de prevenção. *Revista Brasileira de Psicologia*, 2(1).
- Niven, J. (2015). *Por lugares incríveis* (A. L. M. Diniz, Trad.). Seguinte.